



Lúcia Maria de Jesus Parceró

PORTUGUÊS ARCAICO

Movimento de constituintes,
variação e mudança linguística

Português Arcaico



Universidade do Estado da Bahia - UNEB

José Bites de Carvalho
Reitor

Carla Liane N. dos Santos
Vice-Reitora

Sandra Regina Soares
Diretora da Editora

Conselho Editorial

Atson Carlos de Souza Fernandes
Liege Maria Sitja Fornari
Luiz Carlos dos Santos
Maria Neuma Mascarenhas Paes
Tânia Maria Hetkowski

Suplentes

Edil Silva Costa
Gilmar Ferreira Alves
Leliana Santos de Sousa
Mariângela Vieira Lopes
Miguel Cerqueira dos Santos

Lúcia Maria de Jesus Parcero

Português Arcaico

movimentos de constituintes, variação
e mudança linguística

Salvador
EDUNEB
2016

© 2016 Autores

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica,
resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional

Impresso no Brasil em 2016.

Ficha Técnica

Coordenação Editorial

Ricardo Baroud

Coordenação de Design

Sidney Silva

Revisão Linguística

Viviane Silva dos Santos

Normalização

Fernanda de Jesus Cerqueira

Diagramação e Criação de Capa

George Luís Cruz Silva

Ficha Catalográfica - Sistema de Bibliotecas da UNEB

Parcero, Lúcia Maria de Jesus

Português arcaico: movimentos de constituintes, variação e mudança linguística/ Lúcia Maria de Jesus Parcero. – Salvador: EDUNEB, 2016.

122 p.

ISBN 978-85-7887-319-6

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa – Variação linguística.

CDD: 469.07

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula

41150-000 – Salvador – BA

editora@listas.uneb.br

www.uneb.br

Esta Editora é filiada à



Associação Brasileira das
Editoras Universitárias

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO	11
CONSTITUIÇÃO DOS <i>CORPORA</i> E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
Caracterização dos documentos	18
Metodologia utilizada na constituição dos <i>corpora</i>	26
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	29
Fronteamento - tipos e construções	29
Fronteamento de adjuntos	37
Formas Nominais dos Verbos - FNV	38
Fronteamento de complementos	39
Construções com mais de um elemento anteposto	44
Interpolação – posições do clítico e tipos de construções	48
Construções cl XP V	59
Construções com mais de um elemento interpolado	65
Construções com clíticos adjacentes	80

Considerações gerais sobre os fenômenos do fronteamento e da interpolação	88
REFLEXÕES SOBRE MUDANÇA LINGUÍSTICA	95
Pressupostos Teóricos	95
Comparação com o Espanhol Antigo	100
Análise das construções em processo de mudança	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	119

PREFÁCIO

A ordem ‘Objeto-Verbo’ é bastante frequente no português arcaico - PA, podendo ser o reflexo do deslocamento à esquerda, do foco identificacional, ou, do *scrambling* dentro do domínio de *IP* (*Inflectional Phrase*). Este terceiro tipo de movimento, também designado de fronteamto por Parceró (1999), não é permitido no português europeu moderno (PE), e é opcional no PA (cf. MARTINS, 1997, 2005).

Em *Português Arcaico: movimentos de constituintes, variação e mudança linguística*, Lucia Parceró apresenta resultados da investigação sobre algumas das mudanças gramaticais que afetaram a ordem de constituintes na diacronia do Português. A pesquisa relatada na obra parte de um *corpus* de textos escritos nos séculos XV, XVI e XVII - **século XV**: Crônica de D. Fernando (Fernão Lopes); Vidas de Santos (cópias quinhentistas não assinadas de um Manuscrito Alcobacense); **século XVI**: Livro das Obras de Garcia de Resende (Garcia de Resende); Ásia Década Primeira (Diogo do Couto); Peregrinação (Fernão Mendes Pinto); **século XVII**: Cartas Religiosas (António das Chagas); Cartas Familiares (Francisco Manuel de Melo).

Nesta obra, retomando seu estudo de 1999, Lucia Parceró convencionou chamar de fronteamto qualquer deslocamento de constituintes do VP (*Verbal Phrase*) para uma posição pré-verbal, incluindo as construções com clíticos pronominais que instanciam o fenômeno conhecido na literatura por interpolação. O trabalho de Parceró (1999) foi pioneiro em investigar o fronteamto e a interpolação de constituintes concomitantemente e ainda tratar a

interpolação como um tipo específico de fronteamento em português. De acordo com a autora, os resultados da sua análise do fronteamento e da interpolação, sob a luz da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), apontam para construções em processo de mudança estrutural. “A perda da interpolação é, de acordo com esta análise, uma consequência da perda do fronteamento” (CHOMSKY, 1981, p. 58).

Os fenômenos do fronteamento e da interpolação envolvem os constituintes complementos e adjuntos, pois os diversos constituintes da sentença, complemento ou adjunto, podiam, no PA, ocupar uma posição pré-verbal. Conforme os resultados apresentados no livro, sobre o fenômeno, não há uma diminuição na percentagem de elementos fronteados do século XV ao XVII. Porém, a autora nota que os constituintes complementos deixam de ser fronteados no século XVII enquanto os adjuntos permanecem sendo fronteados. Quanto às construções com clíticos, fundamentais para uma análise completa, Parceros atestou o fenômeno da interpolação nos mesmos contextos atestados por Martins (1994), contextos de próclise categórica, preferencialmente em orações encaixadas, e encontrou três tipos principais de construções: ‘cl-X-V’, que corresponde ao contexto de interpolação; ‘cl-V-X’ e ‘X-cl-V’, que se referem às estruturas de clíticos adjacentes ao verbo. As estruturas com o clítico adjacente ao verbo são, no geral, mais comuns nos dados e ainda aumentam sua frequência no século XVI e XVII.

O trabalho conta ainda com algumas considerações sobre a existência dos mesmos fenômenos no espanhol antigo - EA, menciona a análise de Rivero (1993) que considera as estruturas do fronteamento e da interpolação resultantes de um mesmo tipo de movimento, concluindo, em sua argumentação, que a origem dos clíticos interpolados, assim como o fronteamento dos NPs (*Noun Phrase*) e

PPs (*Prepositional Phrase*) fronteados, envolve sempre complementos canônicos do verbo, considerando, dessa forma, o fronteamento e a interpolação como resultado de um mesmo processo sintático no EA. Com relação às mudanças significativas do EA para o espanhol moderno, Parceró destaca, neste livro, o resultado de Rivero (1993) que aponta para o desaparecimento da interpolação e do fronteamento em espanhol na segunda metade do século XV.

Assim, analogamente ao que foi registrado para o EA, por Rivero (1993), reencontramos nesta obra a associação da perda do fronteamento com a perda da interpolação generalizada em PA, tendo a segunda mudança consequência na primeira.

Dada a relevância do tema para a compreensão das estruturas gramaticais que figuraram na diacronia da língua portuguesa e o caráter inovador do texto, o leitor certamente se beneficiará desta obra para o conhecimento de aspectos gramaticais relevantes do PA.

Cristiane Namiuti

Pós-Doutora do Programa de Pós-Graduação em Linguística
(PPGLin/UESB)

INTRODUÇÃO

O livro *Português Arcaico: movimentos de constituintes, variação e mudança linguística* é uma versão melhorada da Dissertação de Mestrado da autora e versa sobre movimentos de constituintes sintagmas de diversas naturezas sintáticas. Vale acrescentar que após a análise da referida obra, o Conselho Editorial da EDUNEB deliberou pela publicação da mesma, incluindo-a dentre as vinte obras selecionadas a serem publicadas pela Editora da UNEB (EDUNEB), conforme o Edital UNEB N° 26/2016.

Ao estudar a sintaxe do Português Arcaico - PA,¹ observam-se construções não mais atestadas no português atual, quer no padrão europeu, quer no brasileiro, sobretudo certas construções relacionadas com frenteamento/deslocamento de constituintes do VP (*Verbal Phrase* – Sintagma verbal) – para posições em início de sentenças.

No português contemporâneo, a ordenação de constituintes nas construções é, normalmente, estruturada obedecendo a um padrão, em que o verbo é seguido de seus complementos, desde que a ordem de colocação dos elementos na sentença passou a ter uma estruturação sintática mais rígida, com a perda de atribuição de caso morfológico, iniciada ainda no latim.

É evidente que algumas exceções a esse padrão são encontradas no português de hoje, que permitem deslocamentos de constituintes internos ao VP, e de AdvP (*Adverbial Phrase* – Sintagma Adverbial)

1 Embora se esteja assumindo o término do português arcaico entre 1536-1540, a denominação Português Arcaico - PA está sendo utilizada, nesta pesquisa, para referir-se ao período que se estende até o final do século XVII.

para antes do verbo. Entretanto, os deslocamentos atuais estão mais diretamente relacionados a questões de focalização ou topicalização dos elementos fronteados, refletindo recursos de ordem discursiva.

Ademais, é possível que tais deslocamentos atestados no PA sejam um reflexo de uma mudança estrutural – consequência das perdas de morfologia de caso do latim – que levou à fixação da ordem em curso naquele período, não sendo, portanto, da mesma natureza dos deslocamentos atestados no português atual.

No PA e em outras línguas românicas arcaicas e germânicas modernas e antigas, a anteposição de constituintes do VP ao verbo é muito frequente, já tendo sido objeto de investigação de diversos autores, entre eles, Rivero (1993), Ribeiro (1995), Martins (1994), dentre outros.

Evidentemente, a questão da anteposição de constituintes do VP ao verbo, é um dos fenômenos que se pode observar, no âmbito da sintaxe, a partir da documentação do período aqui em estudo, do século XV ao XVII. Como existem vários termos (topicalização, deslocada à direita, focalização, entre outros) para designar construções dessa natureza, convencionou-se definir aqui, genericamente, **fronteamento** como o deslocamento de constituintes do VP para uma posição pré-verbal, como se observam nos exemplos em (1).

- (1) a - mostrava que **muy espantada** VIERA a sua alma das penas (VDS 24-38).
 b - dinheiros aos que **carregar** QUIRIAM (DFR 85-6).
 c - Rogue a Deos por my que **apostolo** HE de Deos (VDS 338-28).

Note-se que em (1a) **muy espantada** temos um AdvP anteposto ao V em (1b) **carregar** aparece antes do verbo do qual é um complemento e em (1c) o verbo ocorre linearmente

no interior do sintagma **apostolo (...) de Deos**. Todos os exemplos evidenciam ordens que contrariam a tendência atual de colocação preferencial dos complementos após o verbo, ou seja, na sua ordem canônica.

Quando o elemento deslocado na sentença se posiciona entre o clítico e o verbo, esse tipo de movimento é conhecido na literatura linguística, entre os estudiosos do assunto, como **interpolação**, fenômeno que, nesse livro, será entendido como um tipo específico de fronteamto. A exemplo de:

- (2) a - nom ha logar hu sse **o home** ascõda ante os seus olhos
(VDS 15-16).
b - Servido e contente, pois lhe **nam** ESCREVIA (GRS 1737).
c - tesouros que lhe **de seus avoos** FICAROM (DFR 31-4).

Como se pode observar, estão **interpolados** os elementos **o home, nam** e **de seus avoos**, interpolados entre os clíticos e os verbos.

Trabalhos recentes têm sido desenvolvidos sobre a interpolação. Lobo (1992), em sua dissertação 'A Colocação dos Clíticos em Português: Duas Sincronias em Confronto', cujo *corpus* é constituído por um conjunto de cartas da corte de D. João III, rei de Portugal, escritas durante o período de 1521-1557, depreende de sua análise que é no contexto de sentenças encaixadas finitas e de encaixadas infinitivas introduzidas por preposição que mais se atestam construções de interpolação.

Martins (1994), ao estudar a colocação dos clíticos nas frases finitas do português medieval e clássico, mostra que o fenômeno da interpolação ocorre no português desde o século XIII, de quando

são datados os primeiros documentos escritos de que se tem conhecimento, nessa língua, e aponta o fenômeno da interpolação como muito frequente no português, no referido estágio.² A autora constata que é também nas sentenças encaixadas que o fenômeno é mais frequentemente atestado. Embora as construções de fronteamento não façam parte de sua proposta de análise, a autora observa que:

[...] excetuados os elementos que precedem o clítico em estrutura de interpolação, qualquer constituinte que, no português medieval ou clássico, pudesse ocupar na oração uma posição pré-verbal, podia ocorrer interpolado entre o clítico e o verbo. (MARTINS, 1994, p. 182-183).

Apesar de ultimamente muitos trabalhos terem sido desenvolvidos sobre a colocação dos clíticos, incluindo a interpolação, os dois fenômenos – fronteamento e interpolação – não foram investigados concomitantemente.

Construções de fronteamento semelhantes às ocorridas no português arcaico são também atestadas nas línguas germânicas modernas como no alemão, islandês, iídiche, em suas fases antigas, como também no período do português arcaico.

O que há de comum entre esses sistemas linguísticos?

Os fronteamentos atestados nessas línguas são da mesma natureza?

A fim de melhor compreender tais deslocamentos de constituintes atestados no PA, bem como o processo de mudança linguística que envolve essas estruturas, confrontaram-se as construções de fronteamento e de interoplação com as observadas no espanhol an-

2 A amostra linguística da pesquisa que se estende até o século XVI é constituída por documentos notariais editados pela própria autora.

tigo (EA), por essas línguas apresentarem tais fenômenos de modo muito semelhante aos atestados na amostra linguística deste livro.

Partindo-se da hipótese de que o fronteamento e a interpolação são resultantes de um mesmo processo sintático, o presente trabalho se propõe a investigar os mecanismos sintáticos subjacentes a esses dois fenômenos bem como traçar o desenvolvimento da mudança linguística que envolve os mesmos, a partir de um *corpus* organizado com dados dos séculos XV, XVI e XVII.

Como os resultados da análise do fronteamento e da interpolação apontam para construções em processo de mudança estrutural, que envolve a ordem de constituintes na sentença, optou-se por fazer uma reflexão sobre essas mudanças à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros, seguindo Chomsky (1981) (*Lectures on Government and Binding*), e outros trabalhos afins (cf. referências). Esse modelo teórico abre um grande número de possibilidades para a investigação linguística, não só para a variação entre os sistemas linguísticos, como também para a mudança em um mesmo sistema linguístico. A mudança, nessa perspectiva, é individual e se processa na fase de aquisição da língua. O enfoque aqui será dado a partir da proposta de Lightfoot (1991, 1999) e de Kroch (1989, 1994) que concebem a variação linguística como competição entre gramáticas.

Do ponto de vista da estruturação, esse livro encontra-se assim organizado: no capítulo 1, faz-se a caracterização dos textos selecionados e será explicitada a metodologia utilizada na constituição dos *corpora*. No capítulo 2, efetuam-se a descrição e análise das diversas ordens de constituintes fronteados e interpolados, assim como daquelas de contexto em potencial para os referidos fenômenos. No capítulo 3, apresentam-se os pressupostos teóricos sobre a mudança linguística, bem como comparam-se construções

de fronteamento e de interpolação, em processo de mudança, com construções semelhantes atestadas no EA quando são feitas reflexões acerca da mudança observada.

CONSTITUIÇÃO DOS CORPORA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo como propósito acompanhar as mudanças sintáticas ocorridas em construções com interpolação e fronteamento de elementos do VP, constituiu-se um *corpus* com textos dos séculos XV ao XVII, período em que está inserida a mudança do português arcaico para o português moderno.

O início do português arcaico - PA é marcado pelos primeiros documentos de que se tem conhecimento – O *Testamento de Afonso II*, de 1214, e a *Notícia de Torto*, texto em forma de rascunho, escrito entre 1210 e 1216. Quanto ao término desse período da língua portuguesa, como não há consenso entre historiadores e filólogos, optou-se pelo posicionamento de Mattos e Silva (1994, p. 251), que diz que:

[...] para que se chegue a determinar, com rigor e com base em fatos linguísticos, o limite último do período arcaico e sua provável subdivisão, faz-se necessário ainda que se tome ou retome a documentação remanescente desse período com o objetivo de nela buscar respostas para tais questões. Enquanto isso não esteja feito, considero que se pode aceitar, como hipótese a ser trabalhada, seguindo Leite de Vasconcelos e Lindley Cintra, que o período arcaico se inicia com os primeiros documentos em português e que muitas de suas características se estendem até pelo menos 1536/1540, datas dos inícios da normatização da língua.

Desse modo, o *corpus* organizado inclui os fins do período arcaico, o início do moderno, indo até o século XVII.

Caracterização dos documentos

Os textos selecionados foram caracterizados a seguir e identificados, no desenvolvimento deste livro, pelas letras maiúsculas colocadas ao lado de cada um dos exemplos deles retirados. Para o século XV, foram utilizados os textos da *Crônica de D. Fernando* (**DFR**) e de *Vida de Santos* (**VDS**); para o século XVI, o *Livro das Obras de Garcia de Resende* (**GRS**), *Ásia Década Primeira* (**DCP**) e *Peregrinação* (**PRG**); e, para o século XVII, as *Cartas Religiosas* e as *Cartas Familiares* (**CTS**) de Frei António das Chagas e de Francisco Manuel de Melo, respectivamente.

A *Crônica de D. Fernando* foi escrita por Fernão Lopes, cronista do reino de Portugal no período de 1434 a 1450. Esse autor sempre demonstrou preocupação com a veracidade das informações; por isso, muitas vezes, utilizava-se de documentos notariais, sermões e cartas particulares para reconstituir fatos do passado. Segundo Pimpão (1959), só na *Crônica de D. Fernando* foi possível restaurar uns vinte documentos diplomáticos perdidos. Além de historiador de mérito, foi narrador artista, preocupado não só com a verdade do conteúdo, mas, principalmente, com a beleza da forma. Acrescenta Pimpão (1959, p. 249):

A ideia de um Fernão Lopes inconscientemente artista tem de ser posta de parte. O mérito do historiador jamais empanará a fama do prosador, que de uma linguagem ainda mal desafogada da sua roupagem bárbara soube fazer um instrumento da mais alta qualidade literária.

Os dados para constituição do *corpus* foram selecionados do Prólogo e dos capítulos XXVII, LXV, LXXII e LXXXIX, da edição crítica de 1975, de Giuliano Macchi.

Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense consta de cinco textos: *Vida de Tarsis*, *Vida de uma Monja*, *Vida de Santa Pelágia*, *Morte de São Jerônimo* e *Visão de Túndulo*. São obras destinadas à elevação espiritual e à formação moral de religiosos e de leigos, intimamente ligadas, portanto, à vida e às ideias da Idade Média. Esses textos, embora se apresentem como cópias da segunda metade do século XV, possuem certos traços de linguagem anterior a esse período, conforme Castro (1983, p. 5):

As cinco vidas de santos que se publicam a seguir provêm do códice alcobacense CCLXVI (= ANTT, MS da Livraria 2274), que ostenta o título tardio de *Collecção Mystica de Fr. Hylario da Lourinhã, Monge Cisterciense de Alcobaca*. Escrito na habitual folha de rosto adicionada no séc. XVIII aos códices de Alcobaca, este título é seguido por uma lista das hagiografias e restantes textos da colecção, apresentados como tendo sido transcritos para o “idioma Portuguez” por Fr. Hilário. Não deve ter sido bem assim, pois, sendo o manuscrito datável paleograficamente do séc. XV, alguns dos seus textos apresentam traços de uma linguagem bastante mais antiga, o que desde logo os inculca como cópias mais ou menos fiéis de outros textos em português, e não como traduções directas de qualquer outra língua.

Ainda segundo Castro (1983), os textos são cópias não assinadas, feitas, possivelmente, por três copistas diferentes, mas que po-

derão ser identificados através de um confronto paleográfico com outros códices do *scriptorium*.

De fato, a linguagem desses textos apresenta certos traços arcaizantes, não encontrados em outros demais textos dos séculos XV e XVI da amostra linguística analisada. Considerando como traços arcaizantes da língua portuguesa, como apontados em Mattos e Silva (1994), os participios em <-udo> – exemplo em (3c) –, também o morfema verbal <-des> – exemplos em (3a) e (3b) – e a concordância do participio passado com o objeto – exemplo em (3d) – são traços morfossintáticos que caracterizam o português arcaico em oposição ao moderno.

- (3) a - mando que ENTERREDES *o meu corpo* a par do presepio de Jhesu Cristo (VDS 6-30).
 b - rogo-vos que me TRAGADES *o corpo de Deos meu senhor* (VDS 11-30).
 c - depois que ERAM *derretudas* (VDS 77-40).
 d - os malles que AVYA *fectos* (VDS 134-41).

O *Livro das Obras de Garcia de Resende*, escrito em 1533, relata a vida, obras e feitos de D. João II. O autor declara, no prólogo dirigido a D. João III, ter escrito a crônica de D. João II “por não ter havido quem a fizesse”. Nascido em Évora, aproximadamente em 1470, serviu no reinado de D. João II como secretário particular, de 1491 até a morte desse rei em 1495. No reinado de D. Manuel, continuou com prestígio, desempenhando várias missões. Em 1516, já fidalgo da casa do rei e escrivão da casa da fazenda do príncipe D. João, cargo que desempenhou até morrer, tendo servido a D. João III, desde sua ascensão ao trono, em 1521.

Há alguns críticos que acusam Garcia de Resende de ter plagiado parte da *Crônica do rei D. João II*, escrita por Rui de Pina. Entre-

tanto, Pimpão (1959, p. 367), a partir do confronto de textos dos dois cronistas, não confirma tal fato, posicionando-se, assim:

Escrevendo a sua Crónica tantos anos depois dos acontecimentos (em alguns casos mais de quarenta anos depois), é mais fácil de acreditar que *Resende* se serviu de apontamentos próprios, e, por esse motivo, pôde completar o seco *Rui de Pina*. Bastará confrontar entre si os capítulos de *Rui de Pina* e de *Resende* relativos à descrição da *sala da madeira* e dos banquetes que aí foram dados, ou o capítulo relativo à entrada dos Príncipes em Santarém, para se ver toda a distância que vai do narrador indiferente a um memorialista que viveu os acontecimentos e guardou a impressão da sua grandeza e fausto.

Os dados foram coletados dos seguintes capítulos: V a XVII e XLI a XLIV, da edição crítica de Verdelho (1994).

Ásia - Primeira Década foi escrito por João de Barros (1496-1570), historiador nascido possivelmente em Viseu. Ainda jovem, começou a servir no palácio de D. Manuel. Com a morte desse rei, foi designado, por D. João III, tesoureiro e depois feitor da Casa da Índia e Mina, função que, como ele próprio declara, muito o sobrecarregava (BAIÃO, 1932, p. 11):

Sucedendo também logo prover-me V.A. (D. João III) dos officios de tesoureiro da Casa da Índia e Mina, e depois de feitor das mesmas casas; carregos, que com seu pezo, fazem acurvar a vida, pois levam todolos dias della, e com a occupação e negócio de suas armadas e comercios afogam e cativam todo liberal engenho.

Como historiador da expansão portuguesa no mundo, foi um dos que mais se utilizou de fontes numerosas e autênticas, pois tinha à sua disposição os arquivos, hoje desaparecidos, da Casa da Índia. Propõe-se, voluntariamente, a historiar fatos do descobrimento e conquista do Oriente, conforme declaração do próprio autor (BAIÃO, 1932, p. 11):

[...] não per officio, mas per indicação, não per premio, mas de graça e mais oferecido que convidado eu tomasse cuidado de escrever as cousas que passaram neste descobrimento e conquista do Oriente.

João de Barros não foi apenas o historiador; foi também um pedagogo, preocupado com o ensino da língua. Ele expressa o desejo de que a base do ensino seja a língua materna e não a latina justificando que

[...] as qualidades que distinguem a nossa língua são majestade para coisas graves e eficácia varonil para exprimir grandes feitos. (BAIÃO, 1932, p. 48).

Entre suas obras pedagógicas escreveu *Cartilha de aprender a ler* (1539) e a *Grammatica da Lingua Portuguesa*, publicada em 1540. Essa obra, assim como a *Grammatica da Linguagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira, publicada em 1536, dão início à normatização da língua portuguesa. Esse período é considerado, por alguns filólogos, como o marco entre o português arcaico e o moderno, como anteriormente comentado.

Na constituição dos *corpora* foi utilizada a quarta edição de 1932, revista e prefaciada por Antônio Baião. Os dados foram extraídos do livro V, capítulos VII, VIII, XIX e X.

Peregrinação, obra de Fernão Mendes Pinto (1510?-1583) que nasceu entre 1510 e 1514, em Montemor-o-Velho, cidade próxima a Coimbra; viveu em Lisboa de 1521 a 1537, quando então viajou para o Oriente. Não se sabe o tipo de instrução que recebeu; entretanto, conhecimentos diversificados lhe permitiram ocupar funções diplomáticas por mais de uma vez, uma delas quando parte para o Japão, em 1554, como embaixador do vice-rei de Portugal, D. Afonso de Noronha. As viagens por mares do Oriente, por costa da Birmânia, Sião, arquipélago da Sunda, Molusco, China e Japão, duraram vinte e um anos, caracterizam-se como um período de grande aventura e exposição ao perigo.

A referida obra apresenta gênero narrativo histórico, retrata justamente essas viagens pelos mares, revelando costumes, crenças, leis, histórias e geografias dos povos e das nações do Extremo Oriente. Tais informações, ou parte delas, são questionadas por alguns se, de fato, foram vivenciadas por ele, ou se se referem a informações recebidas de terceiros, ou ainda, se a referida narrativa é fruto de sua imaginação.

Sobre algumas particularidades do estilo de *Peregrinação*, Monteiro (1952, p. 753) tece o seguinte comentário:

Talvez Fernão Mendes Pinto não possa ser indicado como modelo de estilo [...]; está longe de corresponder à ideia do escritor, particularmente ao do seu século. Mas já seria errado afirmar que o homem da *Peregrinação* não passa de um aventureiro aposentado que dedica os seus últimos anos a contar desatadamente o que viu e o que sabe. A sua figura recorta-se a igual distância de uma outra imagem, nem é o homem de gabinete que, tal um João de Barros, vai polindo e envolvendo de erudição a cronologia dos feitos portu-

ses, nem o homem inculto que, impressionado pelas coisas espantosas que viu e as aventuras que viveu, vai enchendo indiscriminadamente as laudas com o que lhe vem à memória, sem noção do que é importante e do que é anodino.

Ainda, segundo Monteiro (1952), a linguagem do texto se aproxima da língua falada: não há parágrafos, quase não há períodos. Aventa-se a hipótese de que o livro originalmente não estivesse dividido em capítulos (fosse um infindável parágrafo) e que teria sofrido, posteriormente, uma revisão, quando da sua primeira publicação em 1614, que consistiu, fundamentalmente, em fazer essa divisão e dar um título a cada um deles.

Os dados foram selecionados dos capítulos de LXXI a LXXVIII, da edição de 1952, organizada por Álvaro J. da Costa Pimpão e César Pegado, e prefaciada por Adolfo Casais Monteiro.

Os dados das cartas (CTS) foram recolhidos de *Cartas Espirituais* e de *Cartas Familiares*. As primeiras são de Frei António das Chagas (1631-1682), nascido em Vidigueira. Sua obra literária está dividida em duas fases: a mundana, até 1662, quando o jovem aproveitou a vida intensamente e a outra, de 1662 a 1682, ao entrar como noviço na ordem de S. Francisco, quando sua obra passa a expressar a concepção adotada por sua religiosidade, que consiste em desapego absoluto do mundo, humildade e entrega total a Deus. Rodrigues Lapa caracteriza, assim, essa nova fase:

[...] em que o frade contrito procura com igual frenesi, todo penetrado da humildade cristã, lavar as nódoas da sua pecaminosa mocidade. Em ambas é lavrado pelo mesmo ardor de exaltação. Homem de extremo. (CHAGAS, 1939, p. 26).

A sua vida, assim como, a sua obra podem ser consideradas barrocas, caracterizadas pelos contrastes, acidentes que ilustram a mentalidade de sua época. As *Cartas Espirituais*, consideradas sua obra prima, tivera a primeira publicação em 1664. Segundo Rodrigues Lapa, essas cartas expressam a valentia e o pitoresco, escritas numa linguagem rebuscada, rica em antíteses, imagens e metáforas (CHAGAS, 1939).

Os outros dados foram selecionados de *Cartas Familiares*, obra de Francisco Manuel de Melo (1608-1666), escritor lisboeta, cuja vida foi marcada por altos e baixos, períodos em que exerceu várias atividades de prestígio social, outros em que passou por diversas prisões, cenário onde foram escritas quase todas as cartas que foram publicadas em 1664, na Itália. Ainda segundo afirma Rodrigues Lapa, assim como as cartas de Frei António das Chagas, as de Francisco Manuel de Melo apresentam o estilo Barroco e constituem um documento literário de primeira ordem para quem quiser conhecer o autor e sua época (MELO, 1937).

Para a constituição dos *corpora*, foram utilizadas as *Cartas Espirituais* (CHAGAS, 1939) – de número 13, 14, 21, 33 e 53 – e as *Cartas Familiares* (MELO, 1937) – de número 40 e 92 – ambas editadas por Rodrigues Lapa.

Os textos selecionados, como se pode perceber, são todos literários do gênero narrativo, mas diferentes quanto ao estilo. Alguns são mais formais, escritos por oficiais de gabinetes, DFR, DCP; outros, como PRG, apresentam uma linguagem mais próxima da língua falada, de acordo com a crítica. Foram todos originariamente escritos em português, exceto VDS que, como já foi colocado anteriormente, pode ter sido traduzido de outras línguas para o português. Alguns textos integrantes do que aqui se convencionou chamar VDS podem

ter sido, entretanto, cópias de textos escritos em português em período anterior à segunda metade do século XV.

Essa diversidade de estilos na escolha dos textos foi intencional, já que se pretende atingir uma visão geral do período, para uma melhor compreensão e controle dos fenômenos estudados e do processo de mudança que envolve os mesmos.

Metodologia utilizada na constituição dos *corpora*

Dos textos já caracterizados foram selecionadas sentenças subordinadas finitas (relativas, completivas e adverbiais), aqui denominadas encaixadas, já que são nesses contextos que os fenômenos de fronteamto e interpolação, objeto dessa pesquisa, ocorrem com maior frequência. Além de cada sentença ser identificada com as iniciais do texto a que se refere para os textos DFR, VDS, DCP e PRG, foram indicados a página e o número da linha em que se encontra a construção, como no exemplo em (4a); para GRS, só o número da linha,³ conforme exemplo em (4b); e para CTS, o número da carta e da linha, como em (4c). As citadas referências foram colocadas entre parênteses no final de cada sentença, como nos exemplos em (4).

- (4) a - o que **delles** ESTAVA escrito (PRG 44-204).
- b - dos homees, que os **nam** ESCREVIA (GRS 1737).
- c - assim o que **nas almas** ESCREVE o Espírito Santo (CTS 59-13).

Vale ressaltar que, para melhor identificação dos elementos em análise, o verbo finito da sentença enfatizada será colocado em maiúscula. Assim, nos exemplos acima, tem-se em (4) ESTAVA, ESCREVIA e ESCREVE. Os elementos fronteados ao verbo foram impres-

3 A edição trabalhada traz a numeração das linhas impressas sequencialmente, o que permite localizar facilmente a página, mesmo sem a sua indicação.

sos em negrito, como **delles, nam e nas almas**, e os clíticos foram sublinhados (os), como mostrado também nas sentenças em (4). Os exemplos foram numerados sequencialmente.

Para a análise quantitativa, foram utilizados alguns dos recursos oferecidos pelo programa VARBRUL, codificando-se as sentenças a partir de cinco fatores estabelecidos da seguinte forma:

- I – elementos fronteados/interpolados;
- II – tipos de sentenças;
- III – natureza sintática dos elementos fronteados/interpolados;
- IV – natureza sintática dos elementos fronteados/interpolados para as sentenças com mais de um elemento fronteadado;
- V – identificação de cada um dos documentos.

Utilizaram-se aqui os termos V-1 para referir-se a estruturas com o verbo em posição inicial e V-2 para aquelas em que o verbo é antecedido por apenas um constituinte sintagmático, sem qualquer implicação com o sentido adquirido por este termo nos estudos gerativistas sobre as línguas germânicas V-2.

Tendo em vista que os fenômenos analisados envolvem os constituintes complementos e adjuntos, as construções com sujeito pré-verbal, do tipo **su_j V** e **su_j V X** não foram computadas. Entretanto, as sentenças com sujeitos interpolados ou não (**cl su_j V** e **su_j cl V**) foram computadas em construções com clíticos. O mesmo ocorreu em sentenças com mais de um elemento anteposto ao **V**, em que o sujeito é um desses elementos interpostos (interpolados ou fronteados). Também se computou o sujeito em contexto potencial para interpolação e fronteamto, resultando nas ordens: **su_j X V / X su_j V** ou **cl su_j X V / cl X su_j V**, entre outras combinações possíveis.

Na descrição de dados dos *corpora* a seguir (cap. 2), apresentam-se a natureza e as frequências de ocorrências dos elementos

fronteados e interpolados, com o objetivo de analisar as propriedades específicas de cada um deles a partir das evidências fornecidas pela análise dos dados.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Na amostra linguística de 2.469 sentenças encaixadas finitas (completivas, relativas e adverbiais), inicialmente foram analisadas 1.738 ocorrências, verificando-se as estruturas com e sem fronteamentos. Em seguida, foram analisadas 731 sentenças com estrutura de interpolação, observando-se a variação da posição do clítico pré-verbal.

Com a análise quantitativa, pretende-se obter evidências que deem sustentação à hipótese de que as duas construções enfatizadas estão relacionadas entre si e que possam explicitar o curso da mudança das estruturas em via de desaparecimento no português quinhentista.

Fronteamento - tipos e construções

Com referência à ordem preferencial de constituintes nas encaixadas, sabe-se que o:

[...] português é historicamente analisado como língua SVO. Assim, a ordem SVO nas encaixadas é um fato bem estabelecido, sendo considerada a ordem padrão. (RIBEIRO, 1997, p. 217).

Entretanto, ao analisar os dados do PA, observa-se a possibilidade de várias ordenações de constituintes⁴, sobretudo em senten-

4 Também Ribeiro (1995) observa que há diferentes possibilidades de ordenações de constituintes nas encaixadas, do século XIII ao XVI, embora a ordem SVO predomine.

ças encaixadas. Nos dados observados, verifica-se certa proporção de constituintes fronteados para uma posição pré-verbal, fenômeno que, nesta pesquisa, como já mencionado na introdução, convencionou-se chamar de **fronteamento**. Verifica-se, também, que parece não haver restrições sintáticas sobre o tipo de constituinte que pode ser fronteado, uma vez que eles apresentam diferentes estatutos sintáticos.

Os exemplos em (5) ilustram esse tipo de construção:

- (5) a - e pode enquerer ... que **honrra e estado** TIINHA (DFR 11-279).
 b - porque **por todos** DARAS conta e rrazom a Deos (VDS 21-16).
 c - sabede que **natural cousa** HE de cada hũa cousa demandar (VDS 9-30).
 d - parecia que **em seu coraçam nam** JAZIA o contrairo (GRS 1817).
 e - tudo o que **agora** TOMASSE (PRG 30-214).
- (6) a - depois que **adubado** FOSSE (DFR 60-321).
 b - nos bêes d'aquelles que **paguar** nom QUISESSEM (DFR 49-321).

No exemplo em (5a), o elemento fronteado se realiza como um objeto direto; em (5b), um complemento oblíquo; enquanto em (5c), um predicativo; em (5d), há um adjunto adverbial de lugar fronteado, e em (5e), um adjunto adverbial de tempo. O particípio passado em (6a) e o infinitivo em (6b) estão, também, entre os elementos que podem anteceder o verbo flexionado. Vê-se, então, que os diversos constituintes da sentença, quer sob a etiqueta de complemento ou de adjunto, podiam, no PA, ocupar uma posição pré-verbal.

O referido fenômeno tem sido observado por vários estudiosos. Pádua (1960), em seu estudo sobre a ordem das palavras no PA (em frases com verbos transitivos), constata diversas ordens possíveis, entre elas a de **sujeito-complemento-verbo**, ou seja, construção de verbo final, ordem que aparece com maior frequência em orações subordinadas. No EA, verifica-se o mesmo fato: “[...] era acentuada a tendência para afastar o verbo para o final da frase, em orações secundárias”, afirma Pádua (1960, p. 70).

Neste item, discutem-se as construções com fronteamento. Inicialmente, faz-se uma descrição detalhada desse tipo de construção, realçando os diferentes tipos de constituintes que aparecem fronteados. Posteriormente, no cap. 2, item ‘Considerações gerais sobre os fenômenos da Interpolação e do fronteamento’, tais estruturas foram comparadas às de interpolação.

Foi levantado, para essa análise, um total de 1.738 dados resultantes de construção com fronteamento e sem fronteamento. Para essa última, só foram consideradas sentenças em que havia um constituinte que poderia ter sido fronteado, mas não o foi. Assim, o levantamento de construções sem fronteamento se justifica por se querer estabelecer a percentagem de frequência deste fenômeno nos documentos.

Tal metodologia permitiu observar que as estruturas com fronteamento não são as mais frequentes no *corpus*, como mostra o Quadro 1

SÉCULO	TEXTOS	X V - FRONTEAMENTOS			V X S/ FRONT.	TOTAL
		1 ELEM.	+1ELEM.	SUB-TOTAL	SUB-TOTAL	
XV	DFR	100/29%	41/12%	141/41%	201/59%	42/19,68%
	VDS	83/28%	20/7%	103/35%	194/65%	97/17,08%
XVI	GRS	103/36%	37/13%	140/49%	144/51%	84/16,34%
	DCP	76/24%	27/8%	103/32%	223/68%	26/18,77%
	PRG	66/26%	10/4%	76/30%	176/70%	252/14,49%
XVII	CTS	69/29%	7/3%	76/32%	161/68%	237/13,64%
TOTAL		497/29%	142/8%	639/37%	1099/63%	1738/100%

Quadro 1 – Distribuição das ocorrências dos constituintes fronteados (X V), bem como daquelas de fronteamto em potencial (V X)

Fonte: Elaborado pela autora.

A análise do Quadro 1 mostra que, do total das construções em que há um elemento qualquer que pode ser fronteado, só em 37% dos casos isso ocorreu. Outro fato que se pode observar é que a frequência dessas construções é um pouco maior nos três primeiros documentos: tem-se 41% em DFR, 35% em VDS, aumentando em GRS para 49%. Esses percentuais diminuem a partir da segunda metade do século XVI, quando ocorrem 30% em PRG e 32% em DCP e CTS. Foi feita uma análise diferenciada dessas construções de acordo com a natureza sintática dos constituintes fronteados.

Em 63% de ambientes potenciais de fronteamto, a construção X V não ocorre, mostrando que o fronteamto é uma estratégia opcional. Pode-se observar, evidentemente, uma pequena oscilação na distribuição dessas estruturas nos diversos documentos, apresentan-

do valores contrários aos das construções **X V** (com fronteamento) acima referidas: os percentuais foram menores em GRS, com 51% e em DFR, com 59%, aumentando em VDS para 65%, em DCP e CTS para 68% e em PRG, registra-se 70%, o maior percentual.

Exemplificam-se, em (7), construções com fronteamentos (**XV**) e em (8), construções sem fronteamentos (**VX**):

- (7) a - aos que **en ty** SPERAN (VDS 193-35).
b - os que **presentes** ERAM e de todo o reino (GRS 635).
c - dizia ... que **por ysso** nam AVIA de deyxar (GRS 134).
d - amavioso de todollos que **com elle** VIVIAM (DFR 10-3).
e - e pois **a Deus** PROUGUE de o levar d'este mundo (DFR 50-281).
f - Despoys que **aqui** JAÇO de todolos meus pecados (VDS 51-19).
- (8) a - ao coração que não STAM *en ti* (VDS 111-33).
b - capitães que ERAM *presentes*, louvado seja Deos (DCP 83-195).
c - e que VALIÃO muito *por ysso* e eram delle estimados (GRS 195).
d - dos que ESTAVAM *com elle* dentro das casas (DCP 43-194).
e - e que ORASSE *a Deos* por ella (VDS 23-16).
f - da qual QUEREMOS *aqui* falar (VDS 135-23).

Observa-se, assim, que, nos exemplos em (7), os constituintes *en ti*, *presentes*, *por ysso*, *com elle*, *a Deos* e *aqui* estão em posição pré-verbal. Por outro lado, nos exemplos em (8), os mesmos tipos de constituintes estão em posição pós-verbal. Portanto, a comparação desses exemplos mostra claramente que há uma oscilação quanto ao uso das estruturas com fronteamento.

O Quadro 1 mostra, também, que mais de um constituinte pode ser fronteado, embora no *corpus* em estudo a frequência maior seja de fronteamento de um só constituinte que perfaz um total de 29% das construções. Em 8% delas ocorreu o fronteamento de mais de um constituinte.

Aparentemente, quando se observam só as percentagens, parece não haver diferenças entre os documentos dos três séculos em estudo, pois a oscilação da porcentagem de fronteamento de um só constituinte fica em torno de 29%, apenas GRS apresenta uma percentagem um pouco maior do que a dos outros documentos (36%). Para o fronteamento de mais de um elemento, nota-se uma oscilação percentual maior, estando em um extremo o CTS com 3% de ocorrências e, no outro extremo, GRS com 13%. A combinação entre os elementos fronteados nessas estruturas resulta em diversas ordenações lineares que já foram analisadas.

Apresenta-se, em seguida, a descrição do fronteamento, de acordo com o estatuto sintático dos constituintes fronteados, nos diferentes *corpora*.

Para a classificação dos constituintes do VP em complementos ou adjuntos, como se trata de uma questão bastante controversa, assumiram-se como complementos do verbo os elementos especificados a seguir.

- Objeto direto: NP (*Noun Phrase* - Sintagma Nominal), nominal ou pronominal.
- PPs (*Prepositional Phrase* - Sintagma Prepositiva) complementos:
 - objeto indireto
 - agente da passiva e outros
 - circunstanciais locativos (exigidos por alguns verbos)

- Predicativos

É evidente que não se está considerando que um predicativo tenha o mesmo estatuto sintático dos objetos nominais. Mas, como esse elemento tem um comportamento semelhante no que diz respeito ao fronteamento, resolveu-se incluí-lo nessa denominação.

Os AdvP (adjunto adverbial) e os PP (sintagma preposicional) que expressam circunstâncias de tempo, modo, lugar, condição, entre outras, foram analisados como adjuntos.

Pretende-se mostrar que, ao comparar o estatuto sintático dos constituintes dessas construções do século XV ao XVII, observa-se que, na realidade, há mudanças em relação ao tipo de constituinte fronteado, indicando se tratar de construções de naturezas diferentes.

Como está definido a partir do exposto acima, a computação dos elementos fronteados levou em consideração a função sintática e estrutural dos constituintes. Desse modo, apresenta-se no Quadro 2 a percentagem geral de ocorrências de um só constituinte fronteado, a ordem **XP (sintagma de qualquer natureza)**, identificando-o como complemento ou adjunto.

CONSTRUÇÃO X P				
Séc.	Texto	X compl.	X Adjunto	TOTAL
XV	DFR	26/26%	74/74%	100/2013%
	VDS	26/31%	57/69%	83/1670%
XVI	GRS	14/14%	89/86%	103/2072%
	DCP	7/9%	69/91%	76/1529%
	PRG	4/6%	62/94%	66/1328%
XVII	CTS	0/0%	69/100%	69/1388%
TOTAL		77/15%	420/85%	497/100%

Quadro 2 – Distribuição das construções X V

Fonte: Elaborado pela autora.

Em 85% dos casos, o constituinte fronteado é um adjunto; os complementos só ocorrem em 15% do total dos dados. Não se observam grandes diferenças nas percentagens de fronteamento de adjunto quando se comparam os diferentes documentos. Mas, ao observarem-se os valores percentuais dos fronteamentos dos complementos, fica aparente a implementação de uma mudança estrutural, com um decréscimo acentuado desta ordem, chegando a 0 em (CTS, cartas do século XVII).

O Quadro 3 mostra a distribuição dos adjuntos fronteados atestados na amostra linguística. Vê-se que os adjuntos expressos por PPs, foram os mais frequentes, correspondem a 67% dos dados, enquanto os AdvPs representam 33%, a metade desse percentual. No cômputo geral, os diferentes documentos apresentam uma relativa homogeneidade percentual, exceto quanto a GRS,⁵ que apresentou o percentual de 21%, um pouco maior que a média aproximada de 15% apresentada pelos demais textos.

⁵ Como será observado no desenvolvimento deste trabalho, o índice de fronteamentos geralmente é maior em GRS.

CONSTRUÇÕES X V				
Séc.	Texto	X. Adjunto		TOTAL
		PP	AdvP	
XV	DFR	51/69%	23/31%	74/18%
	VDS	38/67%	19/33%	57/14%
XVI	GRS	54/61%	35/39%	89/21%
	DCP	45/65%	24/35%	69/16%
	PRG	45/73%	17/27%	62/15%
XVII	CTS	47/68%	22/32%	69/16%
TOTAL		280/67%	140/33%	420/100%

Quadro 3 – Distribuição das construções em que X se realiza como PP e AdvP

Fonte: Elaborado pela autora.

Fronteamento de adjuntos

Exemplos de fronteamento de adjuntos estão descritos a seguir.

- (9) a - o mais rico rei que **em Portugal** FOI ataa tempo...
(DFR 65-5).
- b - ell sohia d'aver que **com aficado desejo** COMEÇOU de
cuidar (DFR 7-311).
- c - grandes serranias que **todo o anno** ESTAVÃO cubertas
de neves (PRG 47-204).

- (10) a - muitos navios que **assi** JAZIAM ante a cidade (DFR-108-6).
b - aqueles que **mal** FAZER~E (VDS 18-16).
c - tudo o que **agora** TOMASSE (PRG 30-214).
d - casas e terras em que **abastadamente** PODESSEM viver (DFR 15-93).

Observa-se, nos exemplos acima, que não só diferentes tipos de advérbios como de PPs podem ser fronteados. Em (9a), tem-se o fronteamento de um PP locativo, em (9b), de modo e, em (9c), de tempo. Em (10a/b/d) os advérbios fronteados expressam modo e, em (10c), tempo.

Formas Nominais dos Verbos - FNV

O grupo FNV refere-se às ocorrências de particípio passado em tempos compostos, como em (11) e de infinitivo impessoal em completivas ou estrutura de auxiliar modal, como em (12).

- (11) a - posto que **conhecido** non FOSSE (DFR 8-3).
b - por o que **dito** AVEMOS (DFR 5-311)
c - ou os pedintes a que **mandado** FOSSE (DFR 109-314).
d - o que **rrazoado** FOSSE de lhe dar (DFR136-315).
e - em cousa que **rrazoada** FOSSE (DFR 137-315).
- (12) **V-inf V-fin**
a - dinheiros aos que **carregar** QUIRIAM (DFR 85-6).
b - o mais compridamente que **seer** PODIA (DFR 76-281).
V-inf neg V-fin
c - aos quaaes **aver** nom PODERIAM (DFR 78-313).

No grupo FNV foram registrados oito casos em que o elemento fronteado foi um particípio passado; três com o infinitivo, sendo

dois deles (12a/b) com a construção **V-inf V-fin** e um (12c), **V-inf neg V-fin**.

Fronteamento de complementos

Por outro lado, o fronteamento de complementos mostra oscilação entre os documentos, apresentando um percentual de 34% nos dois documentos do século XV, mas estando totalmente ausente dos dados de CTS, do século XVII. No outro documento do séc. XVII há menos de 5% de fronteamento de complemento; os dois do século XVI, GRS e DCP, apresentam, respectivamente, 18% e 9% dessas construções. Esse decréscimo de percentagem sugere um processo de reanálise das construções de fronteamentos.

Os constituintes analisados como complemento distribuem-se conforme Quadro 4.

TEXTO	COMPLEMENTOS				TOTAL
	OD	OI	PRED	AG. PASS	
DFR	9/33%	7/26%	2/7%	3/14%	21/35%
VDS	14/54%	3/11%	9/35%	-	26/34%
GRS	3/19%	6/43%	5/36%	2/14%	16/18%
DCP	5/62%	1/14%	1/15%	3/30%	10/9%
PRG	2/75%	-	1/25%	-	3/4%
CTS	-	-	-	1/11%	1,0
TOTAL	33/43%	17/22%	18/23%	9/12%	77/100%

Quadro 4 – Distribuição das ocorrências de X rotuladas como complemento verbal

Fonte: Elaborado pela autora.

Vale lembrar que se está considerando complementos constituintes dos seguintes tipos:

- (13) a - os homens que **boas qualidades** nam TINHAM (GRS 101).
b - e a muitos que **nomear** PODERIA (DFR 54-95).
c - o que **rrazoado** FOSSE de lhe dar (DFR136-315).
d - tanto ... que **aos bons religiosos** DAVA singular enxemplo (GRS 269).
e - se **per elle** nam FORA AVISADO (DCP 256-208).
f - do proveito que **dellas** PODIAM receber (DCP 135-199).
g - estrangeiro que **a sua terra** VEHESSSE (DFR 66-95).
h - ñõ ajas medo que **livres** SERÁS desta pena (VDS 108-41).

Assim, assumiram-se, nesta pesquisa, sob a etiqueta de complemento os constituintes objeto direto (13a) e as formas verbais nominais em (b/c). Dos PPs, tem-se em (13d) um objeto indireto; em (13e), um agente da passiva; em (13f), objeto indireto (13g), um complemento circunstancial locativo. Foi incluído, também, nesse grupo o predicativo, exemplificado em (13h).

Os números do Quadro 4 mostram que o complemento mais frequentemente fronteado é o objeto direto, com um total de 33 casos, o que corresponde a 43% do total dos elementos fronteados. Mas observa-se também que a maior frequência de fronteamento do objeto direto se encontra no século XV e em DCP (século XVI), com cinco objetos, dos oito complementos, fronteados.

- (14) a - se **esto** SABES porque fezeeste perder tantas almas? (VDS 19-16).
b - por que **aquella pena** SOFRYAM (VDS 162-42).
c - esperasse delle que **ambas as cousas** JRIA comprir (DCP 66- 203).
d - ~q **jsto** SENTIRA delle Pedraueze Cabral (DCP 253-207).
e - porque **toda esta distancia de caminho** TINHAMOS MULTIPLICADO em mor altura (PRG 54-204).
f - o que **isto** entende (PRG 20-217).

Os objetos NPs foram atestados com o núcleo pronominal (demonstrativo) como em (14a/d/f), ou nominal, como em (14b/c/e). Do total geral de objetos, foram registradas nove ocorrências com o pronome **esto**.

Embora haja só duas ocorrências de fronteamto de predicativo em um dos documentos do século XV, o DFR, no outro, VDS, apresenta-se o maior número de ocorrências de todos os documentos, nove construções. Essa diferença talvez possa ser explicada por se tratar de documentos com estilos diferentes. Embora ambos sejam uma narrativa, o VDS apresenta muitas passagens de súplica, louvor, o que pode favorecer o fronteamto, se analisado como um tipo de focalização.

Com referência ao percentual, diferenças semelhantes ocorrem nos dois documentos do século XVI: em DCP só foi atestada uma construção com fronteamto de Predicativo enquanto em GRS ocorrem cinco. A comparação dos dois documentos, em princípio, não permite chegar à mesma conclusão proposta para os dois documentos do século XV. Contudo, como já se observou em relação aos números dos outros quadros, o documento GRS sempre apresenta

um maior número de fronteamento, comparado ao outro documento do século XVI.

A seguir, ilustra-se com alguns exemplos esse tipo de fronteamento:

- (15) a - Pero o que **grande** HE e forte nõ se parte de ty (VDS 227-36).
b - contra ho rreino de que **naturall** ERA (DFR 8-279).
c - e se **fidallgo** nom ERA (DFR 127-315).
d - dizendo que **seguro** ESTAU disso (PRG 13-219).
e - amercea-te de mi que **molher pecador** SOOM (VDS-169-24).
f - quando a ele veo que **spido** NACI e que **spido** TORNAREY aa terra (VDS 7-30).

Nas sentenças (15a/b/c/d/f/) tem-se núcleos adjetivais e, em (15e), núcleo nominal. Além das construções acima, foram atestadas três sentenças predicativas apresentando uma estrutura incomum no *corpus* analisado. São elas:

- (16) a - porque **verdadeiro servo** HE **de Deos** e de todo em todo mõe (VDS 324-28).
b - rogue a Deos por mÿ que **apostolo** HE **de Deos** (VDS 338-28).
c - câtares de morte que **filha** HE **de morte** e he comer de fogo (VDS 34-39).

Como se pode observar dos exemplos em (16), linearmente a forma verbal HE ocorre no interior do NP predicativo, separando os núcleos (**servo**, **apostolo** e **filha**) de seus adjuntos (**de Deos** e **de morte**). Este tipo de fronteamento do núcleo do predicativo só foi registrado no texto *Vida de Santos*.

Os sintagmas preposicionados exemplificados em (17) são complementos do verbo. O fronteamento desse tipo de constituinte só foi atestado nos documentos dos séculos XV e XVI; em DFR ocorreram sete casos; em GRS, seis casos; três em VDS e, em DCP, apenas um caso foi registrado.

- (17) a - com as cousas que **aa lavoira** PERTEENCEM (DFR 56-313).
b - porque **por todas** DARAS conto e rrazom a Deos (VDS 21-16).
c - a sentença que **contra mim** PASSOU (DFR 66-281).
d - e do que **sobre ysso** FEZ (GRS 281).
e - obrigações que **por eles** ERAM feytas (GRS 1691).
f - se **per elle** nam FORA AUISADO (DCP 256-208).
g - em tres dias que **aquy** ESTIUEMOS (PRG 33-201).

Em (17a), há um objeto indireto; em (17b/c/d), PPs; em (17e/f), agente da passiva; e em (17g), um AdvP de lugar.

Os constituintes complementos estão entre os elementos menos frequentemente fronteados, com um percentual de 15% de ocorrência, enquanto os adjuntos correspondem a 85%. Outro fato a ser observado é que, em PRG, texto do final do século XVI, só foram registradas quatro sentenças de fronteamento de complemento e que, em CTS, do século XVII, nenhum caso foi atestado.

Os exemplos em (18), estão em Rivero (1993), e têm o objetivo de mostrar que, assim como no português arcaico, elementos de diversas naturezas podem ser fronteados no EA. Essas construções do espanhol também estão em processo de mudança (algumas delas podem ser retomadas no cap. 3, item 'Comparação com o Espanhol Antigo', quando as estruturas dessa natureza foram analisadas).

- (18) a - *El que OUTRO CUIDADO [non] há sinon apanâr aver* (CD 294) (p.106).
b - *Et quando ESTO TODO ouieres fecho, aurás acabada a lâmina* (Ast 161 v11) (p.127).
c - *El ceruicio queS [dellas] leuantar* (DLE 25 (1220)). (p.104)
d - *La razon por que AL FIJO DE SANCTA MARIA [non] dieron outra muerte sinon de cruz* (est. 247) (p. 106).

Os constituintes complementos em (18a/b) referem-se a um NP objeto direto; em (18d), a um objeto indireto. Já em (18c) pode-se observar um PP oblíquo.

São comuns, também, nesse estágio do espanhol, a forma verbal e nominal (particípio passado ou infinito) anteceder o verbo finito, em uma construção inversa. Os exemplos em (19) ilustram construções desse tipo:

- (19) a - *Onde, pues que [DICHHO] avemos de los veniales, conviene que se diga de los criminales.* (Set. 186) (p. 125).
b - *tan fermosa fuese que DESABALAR SU FERMOSSURA [non] puede* (Cor 139) (p. 109).

Em (19a) o elemento fronteado é um particípio passado de um tempo composto; em (19b) é um infinito em estrutura de complementação.

Construções com mais de um elemento anteposto

Foram atestadas também, no *corpus* em análise, construções com mais de um elemento fronteado, embora em um número menor do que as atestadas com um elemento antecedendo o verbo. Tais construções apresentaram um número de 142 ocorrências que, embora

pareça significativo, equivale ao percentual de apenas 8% do total das sentenças analisadas, cuja distribuição encontra-se no Quadro 1 e será repetida a seguir.

DFR	41/28,88%
VDS	20/14,08%
GRS	37/26,06%
DCP	27/19,02 %
PRG	10/7,04%
CTS	7/4,92%
142	100%

Essas construções tiveram sua maior ocorrência no século XVI, quando apresentaram os percentuais de 13% em GRS e 8% em DCP, realizando, no século XV, percentuais um pouco menores: 12% em DFR e 7% em VDS, decrescendo no século XVI, quando foram atestadas apenas 4% em PRG e 3% em CTS.

Assim como nas construções com um elemento fronteado, os elementos antepostos podem ser de diversas naturezas sintáticas como exemplificados em (20).

- (20) a - contaron que **el-rrei esto** DISSERA (DFR 123-255).
 b - posto que **muita mercee e honrra d'ell** RECEBESSE (DFR 36-280).
 c - que **ao presente elle** nam PODIA tomar carga (DCP 145-199).
 d - de maneira que **el-rrei com elles** TIINHA (DFR 8-93).

e - muitas rrazoões que **sobr'ello falladas** FOROM (DFR 44-312).

f - quando **os homens mais descuidados** ESTAVAM disso (GRS 121).

g - o qual **a m~i muyto** APROUVE e este ouvíde (VDS 48-31).

h - e outros senhores que **ahi com elle** ERAM (GRS 467).

Nas sentenças apresentadas, estão antepostos em (20a) um sujeito ocupando a primeira posição⁶ e um objeto direto em segunda; já em (20b) há um objeto direto e indireto, enquanto em (20c) realiza-se um PP adjunto de tempo, seguido de um sujeito. Já em (20d), tem-se um sujeito seguido de um PP oblíquo e em (20e), um PP oblíquo seguido de um particípio passado. Em (20f) o sujeito está seguido de um predicativo do sujeito, mas em (20g) tem-se um objeto indireto seguido de um AdvP adjunto (intensificador) e, no exemplo (20h), os elementos fronteados são um Adv P de lugar e um PP oblíquo.

Os exemplos em (21) mostram que a oscilação que caracteriza o período, entre presença ou ausência de fronteamento, ocorre também quando há mais de um elemento fronteado e até em um mesmo autor.

(21) a - da maneira que **el-rrei com elles** TIINHA (DFR 61-8).

b - bem he que saibaes que geito TIINHA *el-rrei com elles* (DFR 61-5).

6 A fim de ordenar os constituintes, nessas estruturas com mais de um elemento anteposto, utilizou-se o seguinte esquema: 'que **todas estas cousas elle** FAZIA muito bem em sua primeira ydade'. Como mostra o exemplo, a 2ª posição refere-se ao constituinte à esquerda, junto ao verbo, e a 1ª posição refere-se à do constituinte à esquerda, mais afastado do verbo. Devido à variação na posição do sujeito em relação ao elemento fronteado, com ordens **su j X V** ou **X su j V**, ambas foram computadas como de fronteamento de mais de um constituinte.

O Quadro 5 mostra a distribuição desses constituintes.

	Sujeito	Complemento	Adjunto	TOTAL
1º constituinte	60/45,46%	13/9,85%	59/44,69%	132/100%
2º constituinte	22/16,66%	17/12,88%	93/70,46%	132/100%

Quadro 5 – Distribuição de construções com mais de um elemento fronteado

Fonte: Elaborado pela autora.

Em primeira posição, igualmente encontram-se o sujeito e o adjunto com 45% cada. Os complementos foram muito menos atestados, apresentando o percentual aproximado de 10% do total. Como se podem observar, os mesmos tipos de constituintes que ocupam a primeira posição podem ocupar a segunda, e vice-versa. Nos exemplos abaixo, será destacado apenas o primeiro constituinte:

- (22) a - de quantos **elle** lá no reino TIINHA (GRS 290).
 b - quando **os homens** mais descuidados ESTAVAM disso (GRS 121).
 c - cidades que **estonce** sua parte TEVEROM (DFR 7-93).
 d - às pessoas que **tamanhos erros** contra elle ASSACAVAM falsamente (GRS 1854).

Em (22a) e (22b), o primeiro elemento fronteado é o sujeito, pronominal e nominal, respectivamente. Em (22c), tem-se um adjunto e, em (22d), um NP objeto direto.

O constituinte em segunda posição mais frequentemente fronteado foi o adjunto, com um percentual de 70%; em seguida, o sujeito,

com 17%, e os complementos, com 13%. A seguir, apresentam-se mais alguns exemplos desses tipos de fronteamentos:

- (23) a - dizer . . . que de caminho **elle** PASSARIA pelo seu porto (DCP 164-200)
- b - que verdadeiramente **o seu zelo** ERA desejar (DFR 37-197).
- c - elefantes que Cóge Comecerij **maliciosamente** FEZ tomar (DCP 22-196).
- d - as justiças que logo **esto** DESSEM aa execuçom (DFR 129-315).

Assim como no caso do primeiro elemento fronteadado, o segundo também pode ser o sujeito em (23a) e (23b), com núcleos pronominal e nominal; em (23c), AdvP e, em (23d), um NP objeto direto.

A opcionalidade de fronteamto de constituintes, que caracteriza o PA, é ainda mais evidente nas construções com mais de um elemento anteposto. Os resultados expostos no quadro 5 mostram, também, que os constituintes complementos estão entre os menos fronteados, quer em primeira posição, com 10%, quer em segunda posição, com 13%. Por outro lado, os adjuntos apresentam percentagens bem maiores: 45% quando é o primeiro constituinte anteposto e 70% quando é o segundo.

Interpolação – posições do clítico e tipos de construções

Retoma-se a definição, já feita anteriormente, de que a interpolação consiste na possibilidade de intercalar constituintes diversos entre o clítico e o verbo. Estruturas desse tipo têm sido alvo de muitas investigações, pois sabe-se que o movimento de elementos na sentença tem implicações não só nas diferenças entre línguas, mas, sobretudo, na mudança estrutural em um mesmo sistema linguístico.

Por exemplo, uma das mudanças por que vem passando o português do Brasil envolve o uso e a colocação dos clíticos, sendo esse um dos fatos sintáticos que diferencia o português brasileiro do europeu. Sobre essa questão, Pagotto (1993, p. 202) assegura que:

[...] lidar com a posição dos clíticos é lidar com regras de movimento, que desempenham um papel central na gramática de uma língua. Sendo assim, lidar com mudança na posição de clíticos é estar lidando com profundas alterações nas regras de uma gramática como um todo.

Por isso, reafirma-se, aqui, a importância de investigar o fenômeno da interpolação, já que a mudança, objeto dessa pesquisa, diz respeito, principalmente, aos elementos interpostos nesse tipo de construção. Tais estruturas são comuns às línguas românicas antigas e têm sido objeto de estudo de muitos pesquisadores. Ilustra-se a seguir esse fenômeno com construções atestadas no espanhol e no italiano antigos:

São exemplos do espanhol antigo - EA, conforme Rivero (1993):

(24) a - *Grant derecho sería que me matases, si ME [de ti non] guardase* (Z 238) (p.103).

b - *Non vos mengüé en ninguna cosa que VOS [a dezir] oviese* (Z 222) (p.103).

O fenômeno mostrado em (24), de acordo com estudos realizados por Rivero (1993), é muito frequente no EA atestado desde textos pré-literários, anteriores a 1250, até meados do século XV, quando desaparece rapidamente. Entre os elementos mais frequentemente interpolados, destacam-se a negação, em primeiro lugar, seguida do sujeito.

A sentença (25) exemplifica a interpolação no italiano antigo, conforme Salvi (1997, p. 89).

- (25) que (cl) Adv. V ... *dacché vi pur piace* desde que para você ainda agrada.

Salvi (1997) chama a atenção para o fato de que as mudanças envolvendo essas construções nas línguas românicas não se concretizaram simultaneamente, considerando o português e o espanhol antigos, mais arcaizantes com referência ao desaparecimento desses fronteamentos, em relação às outras línguas românicas. Quanto a isso, Salvi (1997, p. 86) se posiciona da seguinte forma:

Note-se que a sintaxe, comum às línguas românicas antigas a que nos referimos aqui não se realizaram de fato em todas as línguas ao mesmo tempo, assim textos italianos geralmente mostram um caráter mais arcaizante do que textos franceses contemporâneos, porém mais traços modernos do que os textos em espanhol ou português.⁷

Para essa pesquisa, computaram-se todas as ocorrências de clíticos pré-verbais em sentenças encaixadas, encontrando-se três tipos principais de construções: **cl X V**, que corresponde ao contexto de interpolação, e as ordens **cl V X** e **X cl V**, que se referem a estruturas de clíticos adjacentes. Além dessas ordens, foram atestadas construções com mais de um elemento interpolado, que foram discutidas na sequência.

7 “Notice that the common Old Romance syntax we were referring to here was not actually realized in all languages at the same time: so Italian texts generally show a more archaic character than the contemporary French ones, but more modern features than Spanish or Portuguese ones.”

As sentenças em (26) referem-se à ordem **cl X V** e mostram o fenômeno da interpolação no português arcaico:

- (26) a - quando lhe o **recado** DERÃO (GRS 517).
- b - se lhe **necessário** FOSSE (DCP 90-203).
- c - ao tempo que a **el-rrei** TOMOU por molher (DFR 5-227).
- d - as que lhe **mais** PROUGUESSE (DFR 51-312).
- e - aaqueles que os **defender** QUISESSEM (DFR 160-8).

Em (26a) tem-se um objeto direto interposto entre o clítico e o verbo; em (26b), um predicativo; em (26c), um sujeito; em (26d), um advérbio e em (26e), uma forma nominal infinitiva, interpolada entre o clítico e o verbo.

As construções com clíticos adjacentes correspondem a contexto de interpolação em potencial, as exemplificadas em (27) correspondem à ordem **cl V X**; em (28) correspondem à ordem **X cl V**.

Ordem **cl V X**:

- (27) a - E quando lhe DERAM *ho recado* do desbaratado (GRS 574).
- b - se lhe FOSSE *necessario* (GRS 620).
- c - e assi de praça que o OUVE *el-rrei* de saber (DFR 119-255).
- d - gente que se GANHAUA *mays* em os ter por amigos (DCP 47-197).
- e - homẽ que o PODESSE *dizer* (VDS 116-41).

Observa-se a opcionalidade da interpolação dos constituintes em itálico, pois em contexto com a ordem **cl X V**, em (26a/b/c/d), constituintes semelhantes a *ho recado*, *necessário*, *el-rrei* e *mays* ocorrem interpostos entre o clítico e o verbo. A expressão verbal em (26e)

dá origem à ordem **V-inf V-fin**, a ordem inversa; em (27e), no entanto, *PODESSE dizer* apresenta a ordem **V-fin V-inf**, a ordem direta.

As construções em **X cl V**, muito atestadas no período, estão ilustradas em (28). Os exemplos abaixo ilustram esse tipo de construção, com clíticos adjacentes.

- (28) a - murmuradores que **com vossa merce** me TEM mexericado (PRG 56-201).
b - dizendo que **covardice de coração** lhò FEZERA fazer (DFR 109-255).
c - muitos pontifiaes que **depois se** TIRARAM (GRS 279).
d - E porende os que **dignamente** te recebem (VDS 33-121).

Os elementos fronteados são um PP, complemento oblíquo, em (28a), um objeto direto retomado pelo clítico o, em (28b), e AdvPs em (28c/d).

O exemplo em (29) mostra que a variação ocorre, também, entre estruturas com o clítico adjacente, pois, em (28 d), tem-se **dignamente** anteposto ao clítico, enquanto em (29), numa construção semelhante, o constituinte *dignamente* ocorre numa posição pós-verbal.

- (29) aos que te RECEBEN *dignamente* (VDS 33-116).

Pode-se inferir, dos exemplos apresentados acima, que as ordens **X cl V**, **cl V X** e **X cl V** se alternam livremente e que a variação entre elas atinge não apenas os diferentes estilos dos textos mas, até mesmo, o estilo de um mesmo escritor.

Entre os dados coletados para a análise, foram levantadas 731 sentenças com clíticos, sendo 180 (25%) referentes ao contexto de interpolação e 551 construções, com o percentual de 75%, com clíticos adjacentes ao verbo.

O Quadro 6 ilustra a distribuição dessas construções e mostra claramente que a opção de colocação de clíticos no *corpus* apresentado é pela não interpolação, uma vez que as construções de clíticos adjacentes totalizam 75% dos dados. Pode-se observar, também, que a interpolação atinge seu maior percentual em DFR, com 43%, índice que quase se iguala ao da construção **cl V X**, no mesmo documento. O quadro mostra, ainda, que cada uma das ordens nele apresentada evolui diferentemente e que, por isso, uma análise pelos subtotais omitiria muitas particularidades.

SÉCULO	TEXTO	c/Interpolação			Subtotal	s/Interpolação			Subtotal	TOTAL
		cl X V	cl neg V	cl suj V		cl V(X)	X cl V	Suj cl V		
XV	DFR	29/27%	9/8%	9/8%	47/43%	46/43%	6/6%	8/8%	60/57%	107
	VDS	6/6%	14/14%	7/7%	27/27%	66/67%	4/4%	2/2%	72/73%	
XVI	GRS	4/4%	14/12%	1/1%	19/17%	49/42%	43/37%	4/4%	96/83%	115
	DCP	14/14%	8/8%	9/10%	31/32%	45/48%	9/10%	9/10%	63/68%	
XVII	PRG	2/1%	29/18%	1/1%	32/20%	80/51%	27/18%	17/11%	124/80%	156
	CTS	0/0	24/15%	0/0	24/15%	64/40%	51/32%	21/13%	136/85%	
TOTAL		55/8%	98/13%	27/4%	180/25%	350/48%	140/19%	61/8%	551/75%	731

Quadro 6 – Distribuição dos dados com clífticos

Fonte: Elaborado pela autora.

No geral, o que se pode observar é que o elemento de negação está entre os mais frequentemente fronteados, com 13% do total dos 731 dados computados. Os demais contextos de interpolação **cl X V**, com 8%, e **cl suj V**, com 4%, representam uma frequência mais baixa. Entre as construções de clíticos adjacentes, tem-se 48% em **cl V X**, o maior percentual do período. As construções **X cl V**, que são menos frequentes no século XV, quando apresentam 6% em DFR e 4% em VDS, essas construções atingem seu maior índice em GRS,⁸ com 37%. A partir do texto DCP, esse percentual aumenta progressivamente, registrando-se 10% em DCP, 18% em PRG, e 32% em CTS. Distribuição semelhante ocorre com a estrutura **suj cl V**, ou seja, essa estrutura é menos atestada no século XV, com 8% em DFR e 2% em VDS, e também no início do século XVI, em GRS, quando apresenta 4%. Em seguida, a partir do texto DCP, com 10%, esses percentuais aumentam gradativamente para 11% em PRG e 13% em CTS.

Vale observar que, no século XVII, quando foi registrado um percentual de 85% de construções com clíticos adjacentes em CTS, as estruturas de interpolação apresentaram o percentual de 15% referentes apenas à interpolação do **não**. Assim, as demais construções de interpolação deixaram de ser atestadas. Em um processo inverso, as estruturas de clíticos adjacentes, que apresentaram percentuais maiores durante todo o período, aumentaram, ainda mais sua frequência no documento do século XVII. Tendo em vista as características peculiares evidenciadas pela distribuição, cada uma dessas construções, apresentadas no quadro em questão, será a seguir analisada separadamente.

Muitos estudos sobre o fenômeno da interpolação foram desenvolvidos recentemente. Para se ter uma melhor visão deste fenô-

8 Já foi mencionado anteriormente que este documento apresenta, no cômputo geral, o maior índice de fronteamento.

meno na história do português, faz-se a seguir uma apresentação de alguns desses estudos.

O estudo de Martins (1994) sobre a colocação dos clíticos na história do português toma como *corpus* um conjunto de documentos notariais dos séculos XIII ao XVI. Estabelecendo uma comparação entre os resultados apresentados por essa autora (Quadro 7), e os desta pesquisa (Quadro 8), algumas conclusões interessantes podem ser esboçadas.

	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI
cl -XP - verbo	66,70%	69,10%	57,00%	51,70%
	26/39	78/113	70/123	62/120
XP-cl - verbo	33,30%	30,90%	43,00%	48,30%
	11/39	35/113	53/123	58/120%

Quadro 7 – Interpolação de outros constituintes diferentes de **não** entre o século XIII e XVI

Fonte: Martins, 1994, p. 193.

	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	TOTAL
cl XP V	51/72%	31/22%	-	82/28,98%
XP cl V	20/28%	109/78%	72/100%	201/71,02%
TOTAL	71	140	72	283/100%

Quadro 8 – Distribuição das construções cl X V e X cl V

Fonte: Elaborado pela autora.

Observando-se os resultados obtidos por Martins (1994), Quadro 7, constata-se que os percentuais para as construções **cl XP V** (interpolação) foram mais altos do que os desta pesquisa durante todo o seu período da análise. Percebe-se, também, que esse percentual foi mais elevado no século XIV, quando apresentou 69,10%; no século XIII, apresentou percentual um pouco menor, 66,7%; nos séculos XV e XIV, esses índices decresceram para 57% e 51,7%, respectivamente, mostrando, assim, já uma tendência para mudança. Comparando-se esses resultados aos dados desta pesquisa, apresentados no Quadro 8, verifica-se que construções dessa natureza (interpolação de constituintes diferentes de **não**) atingiram, no século XV, com 72%, um percentual um pouco mais elevado do que o atestado em Martins (1994).

Entretanto, com referência ao século XVI, apresenta o índice de 22%, bem menor do que o apresentado no Quadro 7, dados de Martins (1994).

A inversão nos valores percentuais de presença *x* ausência de interpolação nos séculos XV e XVI, como apresentado no Quadro 8, indica claramente uma situação de mudança gramatical.

É possível que essa diferença de resultados entre os Quadros 7 e 8, em relação ao século XVI (no Quadro 7 observa-se cerca de 52% de dados e, no Quadro 8, 29%), possa ser justificada pelo fato de o *corpus* utilizado por Martins (1994) ter sido constituído de documentos notariais,⁹ pois sabe-se que documentos dessa natureza são

9 Martins (1994, p. 2) justifica a escolha do *corpus* dizendo: “A finalidade é apresentar uma descrição adequada, e o mais detalhada possível, da situação do português dos séculos XIII, XIV, XV e XVI no que diz respeito à colocação dos clíticos conduzia necessariamente à questão da escolha do *corpus* textual que serviria de base à descrição. Optei por criar um *corpus* formado por documentos não literários. Recurso a documentos não literários permitiu-me controlar variáveis tais como a diferenciação dialetal e estilística e datar com exatidão as formas atestadas.”

mais conservadores, tendendo, normalmente, a obedecer tradições de escrita.

É preciso observar, contudo, que nos resultados apresentados no Quadro 8, assim como no Quadro 7, não foram computadas as sentenças com a ordem **cl V (X)**. Apresenta-se a seguir, no Quadro 9, a distribuição dessas sentenças.

	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	TOTAL
cl V (X)	112/32,00%	174/49,72%	64/18,28%	350/100%
TOTAL	183/28,91%	314/49,61%	136/21,48%	633/100%

Quadro 9 – Distribuição das construções cl V (X)

Fonte: Elaborado pela autora.

No cômputo geral, das 633 sentenças atestadas com clíticos, excluídas as 98 negativas, é a construção **cl V (X)**, com o percentual de 55%, a opção mais frequente no período.

A pesquisa realizada por Lobo (1992), sobre a colocação de clíticos, a partir de um *corpus* constituído de cartas da corte do reinado de D. João III, rei de Portugal, apresenta os seguintes resultados: de 386 sentenças encaixadas finitas, em 162, com percentual de 42%, registrou-se a interpolação. Se se considerar que entre as 201 sentenças atestadas com interpolação, 162, o que equivale a 81%, são encaixadas finitas, pode-se concluir que também nesse *corpus* é o contexto das encaixadas finitas que mais favorece o fenômeno da interpolação.

A análise tem revelado que a variação que caracteriza esse período oscila também de acordo com os diferentes estilos dos textos analisados. Em Ribeiro (1997), por exemplo, em um estudo realiza-

do sobre a ordem das sentenças encaixadas da obra pedagógica de João de Barros (século XVI), dos 190 casos atestados com clíticos, só em 23% ocorreu interpolação. Os textos DFR (século XV, 1ª metade), e DCP (século XVI), apesar de mais de um século de distância, apresentam, frequentemente, percentuais de ocorrência semelhantes em qualquer das ordens observadas. Já o texto GRS (século XVI, 1ª metade), como foi mencionado anteriormente, apresenta percentuais de fronteamto mais elevados.

Os resultados expostos no Quadro 6 evidenciam que as construções com interpolação distribuem-se de forma irregular, de acordo com características específicas. A fim de compreender melhor o referido fenômeno, a análise será desenvolvida considerando-se as peculiaridades de cada uma delas. No cap. 2, foram analisadas as construções **cl X V**, em que **X** é um constituinte complemento do verbo ou um constituinte de natureza adverbial; foram, também, estudadas as diversas construções resultantes da interpolação de mais de um constituinte; ainda neste capítulo, foram analisadas as construções **cl neg V** e **neg cl V**, em que o elemento interpolado é o elemento de negação **não**; bem como as construções **subj cl V** e **cl subj V**, em que o elemento interpolado é o **sujeito**. A distribuição no Quadro 6 mostra ainda que o índice dos constituintes interpolados diferentes de **não** é baixo no século XV e decresce ainda mais nos séculos subsequentes, configurando-se, dessa forma, um quadro de mudança linguística, que será discutido no cap. 3.

Construções cl XP V

O Quadro 10 refere-se às construções **cl XP V**, que foram pouco atestadas no *corpus* analisado. É interessante observar a distribuição dessas construções. Enquanto DFR detém 54% dos casos, esse percentual decresce, significativamente, nos demais. O documento

DGP, com 24%, apresenta-se mais conservador com referência às sentenças em processo de mudança. Nos demais, os percentuais decrescem para 11% em VDS, 7% em GRS e 4% em PRG. Em CTS não foram atestadas construções desse tipo.

As características do constituinte X estão definidas no Quadro 10.

TEXTOS	COMPLEMENTOS				ADJUNTOS	+ de 1 elem.	TOTAL
DFR	1/4%	7/24%	-	8/24%	3/10%	11/38%	30/54%
VDS	-	-	-	2/33%	2/33%	2/34%	6/11%
GRS	3/75%	-	-	-	-	1/25%	4/7%
DCP	-	-	-	4/21%	7/50%	2/29%	13/24%
PRG	-	-	1/50%	-	1/50%	-	2/4%
CTS	-	-	-	-	-	-	0
TOTAL	4/7,28%	7/12,71%	1/1,82%	14/25,46%	13/23,65%	16/29,09%	55/100%

Quadro 10 – Distribuição de elementos interpolados diferentes de sujeito e negação

Fonte: Elaborado pela autora.

Os elementos interpolados podem, portanto, ser de diversas naturezas sintáticas, como mostram os exemplos:

- (30) objeto direto
- a - e algúus que lhe **esto mesmo** MANDAVON (DFR 78-215).
 - b - tanto que lhe **a carta** DERAM com muyta obediencia (GRS 265).
 - c - tanto que lhe **a carta** DESSEM logo se levantasse por rey (GRS 625).
 - d - quando lhe **o recado** DERÃO (GRS 517).

Foram atestadas apenas quatro sentenças com o objeto direto, tendo (30a) um núcleo pronominal e as demais (30b/c/d) um núcleo nominal.

- (31) formas nominais
- cl V-inf / V-fin**
- a - e caães que sse **cuidar** PODEM pera tall desenfadamento (DFR 53-4).
 - b - em guisa que nêhũa ave grande nem pequena se **levantar** PODIA (DFR 53-5).
 - c - tantos ... que nêhũa arte nem multidoem de covas lhe **prestar** PODIA (DFR 61-5).
 - d - aaquelles que os **defender** QUISESSEM (DFR 160-8).

A sentença em (32) foi a única em que se atestou a ocorrência de um predicativo interpolado.

- (32) se lhe **necessário** FOSSE (DCP 90-203).

Exemplificam-se, em (33), os PPs interpolados.

- (33) a - hos que se **de ty** AREDAM malmente perecerom (VDS 233-36).

- b - o primeiro que sse **per este apelido** CHAMOU (DFR 21-279).
- c - aquelles senhores e fidalgos que sse **pera sua terra** FOROM (DFR 52-95).
- d - Os tēporaes cõ que **se naquellas partes** NAVEGAUA para os lugares dalẽ (DCP, 175-206).
- e - Que me **per força de baptismo** TIRASTE e hofereceste ao teu Deos (VDS 241-26).

Oito dessas construções foram atestadas em DFR, duas em VDS e quatro em DCP. Como ilustrado em (33a), ocorre um objeto indireto anteposto ao verbo; em (33b), um complemento oblíquo e em (33c/d/e), AdvPs – expressa diversas circunstanciais.

Nas treze ocorrências em que **X** é um adjunto interpolado, apenas na sentença em (34) esse constituinte realiza-se como um PP. Nas demais sentenças, ilustradas em (35), o citado constituinte realiza-se como um AdvP expressando diversas circunstanciais.

- (34) armádas ~ q se **neste reyno** FIZERÃ para os lugares dalẽ (DCP 179-206)

Nota-se uma preferência, no *corpus* em estudo, pela colocação de constituinte adjunto antecedendo o clítico, com a ordem **X cl V**.

- (35) a - as que **lhe mais** PROUGUESSE (DFR 51-312).
b - se **lhe bem** PARECESSE (GRS 1818).
c - segũdo **se depois** soube em Cochij (DCP 117-195).
d - ser págo de quãto **lhe aly** DESSE na outra vez (DCP 77-203).
e - por esta ser a que **o mais** PERSEGUIA (DCP 250-207).
f - e quando **lhe assi** CONCEDEO a hida (GRS 130)
g - farás tres cousas ~ q **te agora** DIREY (PRG 61-215).

Assim como os demais constituintes interpolados desse grupo, a interpolação de adverbiais foi também pouco atestada no *corpus* analisado.

Como foi visto anteriormente, o fenômeno da interpolação é atestado nas línguas românicas antigas de um modo geral. Assim como no PA, no EA, também, podem ser antepostos entre o clítico e o verbo constituintes de diversas naturezas sintáticas, como mostram os exemplos em Rivero (1993, p. 103).

- (36) a - *Dixe que LO [yo] avía muerto.* (Z 75).
 b - *Este preso que SE [agora] partió ... es mi amigo* (Z75).
 c - *Grant derecho sería que me matases, si ME [de ti non] guardase.* (Z 238).
 d - *Non vos mengüé en ninguna cosa que VOS [a dezir] oviese.* (Z 222).
 e - *Mando al omne que VOS [esta mj carta] mostrara que en plase a todos los que LO [contra ella] fizieren.* (DLE 1440). (p. 104).

O exemplo em (36a) ilustra um caso de sujeito interpolado; em (36b), o elemento interpolado é um advérbio e em (36c/e), um PP oblíquo. Um infinitivo preposicionado e um objeto direto também podem ocorrer interpolados no EA, como mostram os exemplos (36/d) e (36/e), respectivamente.

As construções acima, do espanhol antigo, mostram que, naquele período, os dois sistemas linguísticos em questão eram estruturalmente muito próximos um do outro.

Os elementos interpolados analisados nesse grupo estão entre aqueles que foram pouco atestados na amostra e apresentam um decréscimo compatível com uma situação de mudança linguística.

Construções com mais de um elemento interpolado

Dos 16 casos atestados com mais de um elemento interpolado, 12 apresentam dois elementos interpolados e quatro casos há mais de dois elementos interpostos. Construções desse tipo tiveram sua maior expressão em DFR, quando foram registrados 11 casos. Fazem parte, portanto, do grupo que deixa de ocorrer no século XVI.

O Quadro 11 mostra a distribuição desse tipo de interpolação.

TEXTO	cl X neg V	cl X X V	cl suj X V	+ de 2 elem	TOTAL
DFR	3/27%	2/18%	2/18%	4/37%	11/69%
VDS	-	1/50%	1/50%	-	2/13%
GRS	-	-	1/100%	-	1/6%
DCP	-	-	2/100%	-	2/12%
PRG	-	-	-	-	0
CTS	-	-	-	-	0
TOTAL	3/19%	3/19%	6/37%	4/25%	16/100%

Quadro 11 – Distribuição de construções com mais de um elemento interpolado

Fonte: Elaborado pela autora.

Apresentam-se, a seguir, exemplos dessas diferentes possibilidades.

(37) **cl X neg V**

a - ... salvo a aqnelles que o **gaanhar nom** PODEM (DFR 82-314).

b - ... ganha dinheiros que sse **escusar nom** PODEM (DFR 130-315).

c - ... certo os que ss'**escusar nom** PODESSEM (DFR 131-315).

(38) **cl X X V**

a - que sse **de Castella per'eelle** VEHEROM (DFR 2-93).

b - rrazoões que lhe **sobre seu feito largamente** FALLOU (DFR 71-281).

c - rreceando-sse d'õ que lhe **aviir depois** PODIA (DFR 95-282)

(39) **cl suj X V**

a - assim ... como os **eu d'ante** AVIA (DFR 60-281).

b - riquezas per as quaes me **o diaboo por os meus peccados e maldades** TRAGIA emganada (VDS 286-27).

c - banquetes que lhe **o duque de Bragança ahi** FEZ em muita perfeiçam (GRS 1802).

d - informaçam que lhe **Gaspar da Jndia** DEU (DCP 15-196).

e - ventuira que lhe **Deus dar** QUISERA (DFR 112-255).

f - quatro dias ~ q se **elle joã da Noua aly** DETEUE (DCP 289-208).

Os exemplos a seguir ilustram os casos de interpolação de mais de dois constituintes.

- (40) a - E sse **d'hi em diante fazer nom** QUISESSEM (DFR 112-314).
b - posto que **o eu merecido nom** TEVESSE (DFR 59-281).
c - n'aquelle em que **me ell aa primeira muito** CULPOU (DFR 64-281).
d - se **o Deus tam cedo nom** LEVARA (DFR 68-281).

Foram ainda atestadas dezesseis sentenças com a estrutura **X cl neg V**, como no exemplo em (41). As demais estão relacionadas em 47, quando foram analisadas com mais detalhes. Em todas as sentenças o elemento interpolado **não** é precedido de um constituinte.

- (41) porque **pera ysso o nam** CONVIDARA (GRS 1758).

Nos dados de Martins (1994) são também atestadas 12 construções semelhantes à ilustrada em (41). Segundo a autora:

[...] na grande maioria dos casos de interpolação, o clítico segue imediatamente o elemento que introduz a oração e que condiciona a sua anteposição, quer se trate de uma conjunção ou pronome relativo (nas orações subordinadas finitas) [...] ou de um advérbio, quantificador ou sintagma focalizado (nas orações não-dependentes). Mas esta contiguidade não é obrigatória: entre os 321 exemplos dados atrás, há 12 em que o clítico está separado do elemento que condiciona a sua anteposição por um sintagma nominal (objecto directo, indirecto ou sujeito), preposicional ou adverbial. (MARTINS, 1994, p. 195-196).

Transcrevem-se abaixo alguns de seus dados:

- (42) a - que **pera ysto** lhes **nõ** valhão (Lx, 1294).
b - os quaaes Casaaes **com todas suas pertença**s lhes **asy** emprazavam (NO, 1522).
c - E sse **pela uêtu**ira uos **alguê** a dita vÿa enbargar (Lx, 1296).

Em (43) há alguns exemplos de construções semelhantes às apresentadas acima, atestadas no EA, com as ordens lineares: **Suj cl neg V, X cl neg V** e **X cl suj V**:

- (43) a - *Que ellos TE [non] digan en que puede finar* (Alex 2482c (0)) (p.110).
b - *se de nos TE [non] partes* (Alex 133d (0)) (p.111).
c - *se cierto que tan buen entendimiento VOS [Dios] dió ... que entendredes muy bien todas las cosas* (Est 16) (p.111).

Ocorrem, também, no EA, construções com mais de um elemento interposto entre o clítico e o verbo, como mostra o exemplo seguinte:

- (44) *Si ME [de ti non] guardasse* (Z 238) (p.111).

Como os dados têm mostrado, o período em estudo é marcado pela variação na colocação de constituintes na sentença, refletindo, dessa forma, uma instabilidade na ordenação que se evidencia, principalmente, quando há mais de um elemento deslocado.

Apesar de ultimamente muitos trabalhos terem sido desenvolvidos sobre a ordem de colocação de clíticos no PA, incluindo a interpolação, os dois fenômenos – fronteamento e interpolação – não foram investigados concomitantemente. Confrontá-los (ver

item ‘Considerações gerais sobre os fenômenos da Interpolação e do fronteamento’) faz parte da proposta desta análise.

O fenômeno da interpolação, comum no português arcaico, é mais frequentemente atestado em sentenças negativas, pois, das 180 sentenças em que ocorreu interpolação, em 98 o elemento interpolado foi a negação **não**, o que equivale a um percentual de 54% de construções **cl neg V**. Como se pode constatar no Quadro 12, das sentenças negativas computadas para análise, em 93% delas o elemento de negação ocorre interpolado, ou seja, elas apresentam a ordem linear – **cl neg V**, enquanto em apenas 7% o elemento de negação ocorre antecedendo o clítico, com a ordem – **neg cl V**.

TEXTOS	cl neg V	neg cl V	TOTAL
DFR	9/90%	11/10%	20/1739
VDS	14/82%	3/18%	17/1479
GRS	14/100%	0	14/1218
DCP	8/100%	0	8/6,96
PRG	29/94%	2/6%	31/26,95
CTS	24/96%	1/4%	25/2173
TOTAL	98/93%	17/7%	115/100%

Quadro 12 – Distribuição das sentenças negativas

Fonte: Elaborado pela autora.

Alguns exemplos com **neg** interpolado já foram apresentados anteriormente. As sentenças abaixo apresentam a ordem estrita **cl neg V**.

- (45) a - de tall voontade, que vos **nom** PASSARA a vós el-rrei (DFR 130-254).
b - que o **nam** DISSESSE primeyro a pessoa (GRS 200).
c - pois lhe **nam** ESCREVIA (GRS 1737).
d - dos homeês, que os **nam** TINHÃ em conta (DCP 176-200).
e - por que me **não** VITUPERASSEM (CTS 29-21).
f - tam ... que lho **nam** PODE negar (GRS 125).

Abaixo, transcrevem-se as sete sentenças atestadas com a ordem **neg cl V**:

- (46) a - porque todas essas borboletas de papel **não** nos DÃO outras boasnovas (CTS 46-53).
b - e sse aquelles ... **nom** os PODESSEM aver (DFR 57-313).
c - de toda a graça ca **nõ** te FOY dada (VDS 39-31).
d - sey certa que **nom** me VERAS (VDS 158-24).
e - disse **não** me PODE vossa merce inda agora arguyr de pecado (PRG 48-201).
f - porque ... **não** lhes ERAÕ necessarias armas para offender (PRG 54-218).
g - creatura a qual os ceos nẽ a terra nem ho mar nem todas as cousas ã elles contiúdas **nõ** o PODEM RECEBER (VDS 98-32).

Além das sentenças acima referidas, em que o advérbio de negação é o constituinte interpolado, ocorrem construções em que um

constituente sujeito, ou de natureza adverbial, antecede o clítico, resultando na ordem **X cl neg V**, a seguir:

1 – **X cl neg V**, com dezesseis ocorrências, das quais transcrevem-se algumas delas em 47.

- (47) a - e quando **os donos das herdades as nom** APROVEITASSEM (DFR 62-313).
b - quando **el rey o nam** OUVESSE por seu serviço (GRS 1753).
c - já que **por ally lhe não** PARECIA bem (PRG 62-201).
d - sentiu muito que **eu lhe não** OBEDECESSE nisto (CTS 46-21).

Construções do tipo acima foram mais raras no século XV, quando só se registraram duas em DFR e duas em GRS; as outras 11 foram atestadas em PRG, texto do final do século XVI, e uma delas em CTS, texto do século XVII.

2 – **cl X neg V**. Essas sentenças foram retomadas do exemplo em (37). Em todas elas pode-se observar uma forma verbal infinita e o elemento de negação **não**, interpolados.

- (48) a - salvo a aaquelles que **o ganhar nom** PODEM (DFR 82-314).
b - ganha dinheiros que **sse escusar nom** PODEM (DFR 130-315).
c - certo os que **ss' escusar nom** PODESSEM (DFR 131-315).

É importante observar que a interpolação da negação, entre as estruturas estudadas, foi a que mais permaneceu estável no período da pesquisa, que corresponde à transição do português arcaico para o moderno. Com exceção das sete construções **neg cl V**, exemplificadas em (46), nas demais o elemento de negação **não** está sempre adjacente ao verbo.

Resultados semelhantes aos encontrados nessa pesquisa, no que diz respeito à constância de interpolação em frases negativas, foram apresentados em Lobo (1992). Das 162 sentenças encaixadas com interpolação, analisadas pela autora, em um *corpus* constituído com textos do século XVI, 81% delas correspondem a sentenças negativas. A autora constatou também o fato da interpolação do elemento de negação se destacar dos demais, pela possibilidade de esse constituinte continuar sendo interposto entre o clítico e o verbo após o século XVI, quando já não se interpolavam outros constituintes:

Diferentemente do que se passará a observar na língua literária dos séculos subsequentes ao XVI, a partir de quando a possibilidade de interpolação de elementos entre o clítico e o verbo estará limitada ao advérbio de negação não, na amostra do português quinhentista aqui analisada, quase todos os tipos de constituintes que podem figurar à esquerda do verbo ainda podem ser interpolados. (LOBO, 1992, p. 18).

Martins (1994) apresenta, também, um estudo detalhado sobre questões específicas que envolvem a interpolação do **não**. O Quadro 13 mostra a evolução desse fenômeno nos séculos XIII a XVI.

	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI
cl – neg – verbo	94,10%	96,80%	90,70%	90,00%
	16/17	30/31	13/14	13/14
neg - cl – verbo	5,90%	3,20%	9,30%	10,00%
	1/17	1/13	1/14	2/20

Quadro 13 – Interpolação de **não** entre os séculos XIII e XVI

Fonte: Martins, 1994, p. 193.

Observa-se, ainda, o posicionamento de Martins (1997, p. 146):

Com efeito, a interpolação de não é um fenómeno com características peculiares. Dois factos o mostram com muita evidência: entre os séculos XIII e XVII, a interpolação de não ocorre com muito maior frequência do que a interpolação de outros constituintes, a partir do século XVII, a interpolação de não continua a registar-se enquanto a interpolação de outros constituintes desaparece.

Continua Martins (1997, p. 149):

[...] as duas gramáticas, a que deriva a interpolação de não e a que a não permite, continuam a existir depois do século XVI numa situação de prolongada diglossia que se estende até (quase) aos nossos dias e que deixa espaço para preferências e usos individualizados. A vitalidade da gramática conservadora decresceu, no entanto, enormemente neste século.

Assim, de acordo com Martins (1994), a interpolação do **não** só deixa de ocorrer como estrutura mais usada no início do século XX, sendo ainda encontrado no português europeu contemporâneo com uma frequência muito reduzida. São exemplos da referida autora:

- (49) a - Penso que elas dispõem de dimensões morais, isto é, literárias, que as ampliam de significado e as **não** limitam à mera patologia social. (J. CARDOSO PIRES, 1963, p. 1).
- b - Quer na corte, quer no condado, dificilmente lhe poderiam ter passado despercebidos [...] os principais acontecimentos da época, quer os da esfera do político em

que era capacíssimo [...], quer os da esfera do cultural, em que o **não** seria menos. (I. CASTRO, 1983).

c - [...], apesar de haver quem o **não** apontasse como favorito. (JORNAL DA TARDE, estúdios do Porto, Agosto 1991).

Os resultados encontrados na amostra linguística analisada confirmam as conclusões de Martins (1994) de que a interpolação do **não** se diferencia da interpolação dos outros tipos de constituintes não só pela alta frequência em que, ocorre no português arcaico, como também pelo fato de continuar após o século XVI, quando já não se interpolam outros constituintes. Vale ressaltar que, entre as construções analisadas, foi a estrutura de interpolação de **não** a que permaneceu mais estável no período. Pode-se afirmar que a posição do elemento de negação **não** nesse estágio da língua é sempre adjacente à esquerda do verbo.

Optou-se por analisar o sujeito separadamente, pelas características específicas desse constituinte na amostra linguística do português que constitui o *corpus* desse trabalho. Depois do advérbio de negação **não**, analisado no item anterior, é o sujeito que apresenta maior percentual de interpolação.

Vale lembrar que, embora não se esteja considerando o sujeito como um complemento interno ao VP,¹⁰ foram computadas para análise todas as sentenças com sujeito pré-verbal em que ocorrem clíticos. Portanto, as ordens **sujeito cl V** e **cl sujeito V**, bem como as construções com mais de um elemento interpolado em que um deles é o sujeito foram analisadas.

10 Embora, na versão mais recente da gramática gerativa o sujeito esteja entre os elementos considerados complementos internos, para as construções com frontamentos e interpolação.

O Quadro 14 mostra que, em sentenças com o sujeito realizado, a opção mais atestada no período é pela estrutura sem interpolação, pois, em 88 casos atestados, em 69% deles ocorre a construção com clítico adjacente ao verbo **sujeito cl V**, e em apenas 31% **cl sujeito V** sujeito ocorre interpolado entre o clítico e o verbo.

TEXTOS	cl sujeito V	sujeito cl V	TOTAL
DFR	9/53%	8/47%	17/19,31%
VDS	7/78%	2/22%	9/10,23%
GRS	1/20%	4/80%	5/5,69%
DCP	9/50%	9/50%	18/20,45%
PRG	1/6%	17/94%	18/20,45%
CTS	0	21/100%	21/23,87%
TOTAL	27/31%	61/69%	88/100%

Quadro 14 – Distribuição dos dados com sujeito realizado

Fonte: Elaborado pela autora.

Quando se observam as percentagens em cada um dos documentos, verifica-se uma variação no uso dessas construções. Em DFR e DCP, atesta-se a coexistência das duas construções quase na mesma proporção: em DFR têm-se 53% para **cl sujeito V** e 47% para **sujeito cl V** e em DCP tem-se exatamente 50% para cada uma delas. Já com os textos VDS e GRS, respeitando-se o número reduzido de ocorrências em que essa análise se apóia, o resultado é mais curioso. Enquanto em VDS tem-se 78% e, em GRS, 20% para construções **cl sujeito V**, evidentemente ocorrendo uma situação inversa com relação às construções **sujeito cl V**, em VDS tem-se um percentual de 22% e, em

GRS, 80%. A inversão nos valores percentuais da presença x ausência de interpolação nesses documentos indica que uma mudança estrutural já estava em curso naquela época.

A partir do final do século XVI, a preferência pela estrutura sem interpolação se configura mais claramente, pois, em PRG, apenas uma sentença foi atestada com interpolação, enquanto em 17, que correspondem ao percentual de 94% dos dados, ocorreu a construção **su_j cl V**. Nos dados de CTS, com 21 ocorrências, não se registrou mais o fenômeno da interpolação. Assim, 100% dos casos referem-se à ordem **su_j cl V**.

Em (50), ilustra-se a seguir, com alguns exemplos, a ordem **cl su_j V**.

- (50) a - comiia e gastava do que lhe sua madre Romana DAVA.
(VDS 303-27).
- b - bandeira que lhe el-rey seu senhor ENTREGARA em Lixboa (DCP 36-202).
- c - impedimêtos ~ q lhe armada do Camorij PODIA dar sua partida (DCP 43-202).
- d - se o Deus LEIXARA viver (DFR 65-281).
- e - ataa que lhes el MANDASSE dizer (DFR 60-253).
- f - quanto me isso IMPORTA (PRG 37-207).
- g - se o ell foi algũu tempo (DFR 126-255).
- h - faria qualquer cousa que lhe el MANDASSE (VDS 25-16).
- i - nem se o ele SOUBESSE (GRS 60).

Os sujeitos interpolados podem ser expressos por NPs com o núcleo nominal, como em (50a/b/c/d), ou com o núcleo pronominal, como em (50e/f/g/h/i).

As sentenças abaixo, com a ordem **su_j cl V**, mostram a opcionalidade da interpolação do constituinte sujeito em sentenças com clítico:

- (51) a - danada tenção em que **o sulco de tua cegueyra** te TRAZ a ty (PRG 34-214).
b - naqueles tempos em que **estes versos** se ESCREVERAM (CTS 70- 69).
c - da mesma sorte que **o ouro** se VERIFICAVA na pedra do toque (CTS 205-92).
d - tenho ... para mim que **o amor** se TOCA na pedra da sepultura (CTS 206-92).
e - dizendo que **aquelle desfazimento das terçarias** se FAZIA (GRS 1779).

Além das ordens em variação (**cl Suj V** e **Suj cl V**) apresentadas acima, o sujeito é atestado como primeiro elemento em contexto de interpolação com mais de um elemento. Será retomado, aqui, um exemplo de cada uma dessas ordens.

cl suj X V

- ventuira que lhe **Deus** dar QUISERA (DFR 112-255). (ex. 39).

cl suj X X V

- n'aquelle em que me **ell aa primeira muito** CULPOU (DFR 64-281). (ex. 41).

cl suj X neg V

- se o **Deus tam cedo nom** LEVARA (DFR 68-281). (ex. 40)

Foi registrada, também, a variação entre as ordens **Suj X cl V** / **X suj cl V** com clítico adjacente ao verbo. Será retomado aqui um exemplo para cada uma das ordens discutidas anteriormente.

Suj. X cl V - por que **o diaboo asy me** APARECEO como leom
(VDS 277-26). (ex. 61)

X Suj cl V

- que **neste caso ho casamento se** cumprisse antre eles
(GRS 1700). (ex. 62)

A possibilidade de interpolar um ou mais constituinte entre o clítico e o sujeito, atestada no *corpus* analisado, desaparece na segunda metade do século XVI. Entretanto os estudos de Martins (1994) apontam casos residuais, que sobrevivem em algumas regiões de Portugal. Martins (1994, p. 310) diz que:

Há dialetos em que, como no português do século XIII, se manifesta o fenómeno de interpolação [...]. É o caso de localidades como S. Lourenço da Montaria (Viana do Castelo), Gondomar das Taipas (Guimarães) ou Monteiros (Guarda) [...] registrei vários exemplos de interpolação.

- (52) a - e bateu num poste olhe com que força não bateu no poste que **l'ele** deu com força que partiu o poste (S. Lourenço da Montaria).
- b - e sabe deus como **se a gente** via (S. Lourenço da Montaria).
- c - escreveram-me os senhores assim **m'ela** escreveu (S. Lourenço da Montaria).
- d - adiante já **m'ele** responde (S. Lourenço da Montaria).
- e - a quase quinze dias sem l'ela ligar (Gondomar das Taipas)
- f - no dia 20 de Abril que **l'ele** deu uma dor muito forte (Gondomar das Taipas).

g - ele foi disse-le mesmo que a dose que era mesmo p'ró matar que l'elas deram (Gondomar das Taipas).

h - havia de se a gente dedicar só a uma coisa (Monteiros).

Sobre a interpolação que ainda sobrevive em algumas regiões de Portugal, (Martins1994, p. 311) acrescenta que:

Por outro lado, de acordo com os dados apresentados em Baptista (1967:142) e Buescu (1961:15), em localidades como Escusa (Alto Alentejo) e Monsanto (Beira Baixa), sobrevive em dialectos com características idênticas às do português clássico, ou medieval de época mais tardia.

- (53) a - Já que l'ê nã posse falar (Escusa).
b - Fazia-se l'este propar que l'ê aqui stô a fazer (Escusa).
c - Cand'o ê no tinha, muit' trist' andava (Monsanto).
d - Se m'eu agora morria (Monsanto).

Os exemplos em (53) mostram dois elementos interpolados em cada sentença. Em (53a/c) estão interpolados o **suj** e **neg**; em (53b/c/d) estão interpolados o **suj** e **adv**.

Rouveret (1992, p. 8), em estudo sobre a colocação de clítico no português europeu, comenta sobre casos de interpolação de sujeito pronominal **eu**, no século XIX, em textos da literatura portuguesa. Esse fato, se isolado, pode ser entendido como um resíduo deixado pela mudança. Os exemplos em (54) ilustram as referidas estruturas

- (54) a - Mandou que lhe **eu** entregasse o dinheiro.
b - Que quer então que lhe **eu** faça?
c - Sabes o que lhe **eu** disse?

Pode-se concluir que o sujeito, nos séculos XV e XVI, não tinha uma posição fixa na sentença, resultando em várias ordens, sugerin-

do a realização de gramáticas em competição. Como mostram os dados, quando desaparece a possibilidade de interpolar o sujeito, no final do século XVI, se estabiliza a ordem suj. cl V, no século XVII.

Construções com clíticos adjacentes

As construções de clíticos adjacentes podem ter a ordem **cl V X** e a **X cl V**, além de construções com mais de um elemento anteposto. A ordem **cl V X** foi a mais atestada no período e está ilustrada com os exemplos em (27). A ordem **X cl V** refere-se à possibilidade de o elemento anteposto anteceder o clítico e está ilustrada em (28).

O Quadro 15 mostra a distribuição dessas construções de clíticos adjacentes.

TEXTO	SEM INTERPOLAÇÃO		TOTAL
	cl V X	X cl V	
DFR	46/88%	6/12%	52/10,62
VDS	66/94%	4/6%	70/14,28
GRS	49/53%	43/47%	92/18,77
DCP	45/83%	9/17%	54/11,03
PRG	80/75%	27/25%	107/21,84
CTS	64/56%	51/44%	115/23,46
TOTAL	350/71%	140/29%	490/100%

Quadro 15 – Construções com clíticos adjacentes ao verbo

Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando-se os resultados totais do Quadro 6, a construção **cl V X** teve um percentual de 48% e, entre as construções sem interpolação, esse percentual aumenta para 71%, podendo, dessa forma, ser considerada a ordem mais atestada do período. Se se considerar que as construções **cl V X** e **X cl V** se diferenciam somente no fato de que na primeira há um elemento **X** que poderia ter sido fronteado, mas não o foi, enquanto na segunda há o fronteamento de **X**, então os valores apresentados no Quadro 15 apontam para a preferência pelo não fronteamento. Ao mesmo tempo, é interessante observar que dois documentos, um do início do século XVI (GRS) e o outro do século XVII (CTS) apresentam os maiores percentuais de fronteamento, respectivamente, 47% e 44% (uma descrição mais detalhada dessas construções foi apresentada anteriormente). Nos demais documentos, a ordem sem fronteamento de **X** é predominante.

Essas construções se diferenciam das interpoladas de duas maneiras principais: primeiro, apresentam um maior percentual de frequência; segundo, essas ordens continuam sendo atestadas após o final do século XVI.

Entre as 551 construções atestadas com o clítico adjacente, em 29% delas ocorrem um constituinte anteposto, resultando na ordem linear **X cl V**. Como mostra o Quadro 16, os elementos fronteados mais frequentes são de natureza adverbial, pois apenas 6% deles são do tipo complemento. Pode-se notar, também, que eles se distribuem irregularmente no período, sendo menos atestados no século XV, quando apresentam os percentuais de 4% em DFR e 3% em VDS. No século XVI, enquanto em DCP essas estruturas ocorrem em 7%, em GRS ocorre um percentual de 28%. No final do século XVI, representam 21% do total dos dados e, no século XVII, em CTS, ocorre o maior percentual, 37%.

TEXTO	COMPL	ADJUNTOS		+ 1 elem.	TOTAL
		AdvPs	PPs		
DFR	1/17%	2/33%	2/33%	1/17%	6/4%
VDS	-	1/25%	2/50%	1/25%	4/3%
GRS	5/12%	7/17%	16/38%	15/33%	43/28%
DCP	-	1/11%	8/89%	-	9/7%
PRG	1/3%	8/28%	14/48%	4/21%	27/21%
CTS	2/4%	18/36%	26/50%	5/10%	51/37%
TOTAL	9/6%	37/26%	68/49%	26/19%	140/100%

Quadro 16 – Distribuição das construções X cl V, em que X é diferente de sujeito

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir são transcritas as sentenças em que o constituinte fronteado é do tipo complemento. Em (55) **X** é realizado por NPs objetos diretos e em (56), por PPs complementos:

- (55) a - dizendo que **covardice de coração** lhò FEZERA fazer (DFR 109-255).
 b - sua sogra que **tudo** lhe DEU em muyta perfeiçam (GRS 193).
 c - tanto como se **algũa grande** lhe FIZERA (GRS 132).
 d - ho que **tudo** lhe APROVEYTOU na noyte (GRS 1720).
 e - para que **todo bem** lhe VEJAMOS (CTS 529-92).

- (56) a - murmuradores que **com vossa merce** me TEM mexericado (PRG 56-201).
b - para aqueles que **dela se** ESQUECEM (CTS 61-92).
c - para aqueles que **dela se** LEMBRAM (CTS 262-92).

Os constituintes adjuntos correspondem a 75% das anteposições nas construções **X cl V**, sendo trinta e sete sentenças, correspondendo a 26% referente a advérbios, como em (57), e sessenta e oito sentenças, 49%, de PPs adverbiais.

- (57) a - os mal avêturados que **agora se** GLORIAM em as suas maas obras (VDS 74-32).
b - que **nunca o** VIRAM mentir nem passar ... (GRS 66).
c - e quando **assi se** VESTIA (GRS 201).
d - muitos pontificações que **depois se** TIRARAM (GRS 279).
e - como **atras se** DISSE (GRS 1712).
f - como **adiante se** DIRA (GRS 1721).
g - cinco dias acima nos quais **sempre os** VIMOS ao longo de agoa (PRG 103-208).
h - porque **bem se** ENTENDEO que sem o Similau (PRG 89-211).
i - com quem **já me** juntei nesta terra (CTS 78-21).
j - haverá também quem **mais o** ENCOMENDE a Deus (CTS 106-33).
l - não duvido que **igualmente se** CONHEÇAM (CTS 30-52).

Assim como em contexto de interpolação, os advérbios expressam intensidade, modo, tempo e lugar. Parece não haver restrições quanto ao tipo de advérbio que pode ser fronteado, como mostraram os exemplos em (57). Diferenciam-se, entretanto, pela frequência de ocorrência, como se pode ver no Quadro 10, em que há 13 casos de

estruturas com interpolação; e, no Quadro 16, a estrutura **X cl V** tem trinta e sete ocorrências.

As sessenta e oito sentenças com PPs adverbiais iniciais são como:

- (58) a - o príncipe ... em que **com palavras de muita tristeza e sentimento** lhe DAVA hua muito triste conta de sua viagem (GRS 622).
b - avisos que **no caminho** lhe foram dados (GRS 1769).
c - muitos avisos que **nestes dias** lhe VIERAM (GRS 1826).
d - carta ~ q **cõ a sua** lhe ENVIAUA (DCP 46-202).
e - claro estava que **no fauo doce do mel**, se criava a abelha que picando escandalizava e magoava (PRG 61-218).

Foram atestadas, em Martins (1994, p. 191), 157 sentenças **X cl V**, com o percentual aproximado de 40% dos dados, conforme apresentado no Quadro 7. Algumas delas são como:

- (59) a - o que **per elle** lhe era dado (Lx, 1548).
b - como **nesta carta** se conthem (Lx, 1532).
c - que **em tall Caso** se Cumpryra (Lx, 1544).
d - porque **pera ello** lhe davão (NO, 1544).
e - como **aquj** se comtem (NO, 1534).
f - que **asy** o julgasse (NO, 1411).

Pode-se concluir que construções desse tipo continuam sendo atestadas, quando, de um modo geral, já não se interpõem constituintes entre o clítico e o verbo.

As construções de clíticos adjacentes com mais de um elemento anteposto: XX cl V / suj. cl V / X suj. cl. V constam do Quadro 17 que apresenta as construções destacadas, em um total de vinte e seis ocorrências, e mostra que diferentes tipos de ordens foram registradas.

TEXTO	XX cl V	Suj X cl V	X suj cl V	TOTAL
DFR	1/100%	-	-	1/4%
VDS	-	1/100%	-	1/4%
GRS	8/53%	6/40%	1/7%	15/58%
DCP	-	-	1/100%	1/4%
PRG	3/75%	-	-	3/11%
CTS	-	3/60%	2/40%	5/19%
TOTAL	12/46%	10/39%	4/15%	26/100%

Quadro 17 – Construções com mais de um elemento anteposto, com clítico adjacente

Fonte: Elaborado pela autora.

Os exemplos seguintes ilustram essas ordens:

(60) **XX cl V**

- a - que **assi trigosamente se** TRABALHASSE de fazer (DFR 7-251).
- b - e dizia ... que **sempre na batalha de Touro os** ACHARA junto de si (GRS 117).
- c - que **com receo apressadamente se** ACOLHIA aa cidade (GRS 351).
- d - na villa ... onde **pollos povos pera estas necessidades de guerra lhe** FOY FEITO serviço de dinheiro (GRS 593).

- e - príncipe que, **como singular, virtuoso e verdadeiro filho, com muitas lágrimas e grandes soluços** as leo (GRS 633).
- f - nas sospeitas que **delle contra seu serviço** lhe FAZIAM ter (GRS 1848).
- g - algum arroz que **certos lugares da China, por mercancia** lhe LEVAVÃO mercados (PRG 25-206).
- h - que **logo aquella noite seguinte** ... se LANÇOU ao rio muyto (PRG 50-210).

Nessas construções, **X** corresponde a PPs oblíquos ou adverbial. É em GRS que mais ocorre esse tipo de estrutura, tendo sido registradas seis sentenças; em seguida, PRG com cinco casos, e apenas uma ocorreu em DFR. No total foram atestadas 13 sentenças. Nas construções a seguir (61), o primeiro constituinte é o sujeito.

(61) **Suj X cl V**

- a - por que **o diaboo** asy me APARECEO como leom (VDS 277-26).
- b - livro ... que **algum nunca** ho SOUBE senam depois de sua morte (GRS 148).
- c - de como **o príncipe por mandado d' el-rey seu pay** se veo a Portugal (GRS 478).
- d - soube que **o mestre** assy se TORNARA (GRS 571).
- e - disse logo que **el-rey pera despacho da embaixada** se VINHA a Estremoz (GRS 1724).
- f - aqueles afeitos de que **ela bem ou mal** se SUSTENTA (CTS 8-92).
- g - filosofia pela qual **o afligido por si mesmo** se CONSO-LA (CTS 157-92).

As sentenças em (61) têm um constituinte **X** de natureza adverbial interposto entre o sujeito e o verbo. A ordem inversa, em que há um elemento **X** antecedendo o sujeito, também foi atestada:

(62) **X suj cl V**

- a – posto que **em alguma maneira os arrefés** lha entretinham por causa da sua religiam. (DEC 96-198).
- b - para que **por toda a parte o vento** se RECEBA (CTS 85-53).
- c - tais que **verdadeiramente nenhum** o PODIA ser (CTS 74-52).
- d - que **neste caso ho casamento** se cumprisse antre eles (GRS 1700).

Apenas quatro construções, apresentadas em (62), foram atestadas com a ordem em que o sujeito é precedido de um constituinte. Em todas as sentenças **X** se realiza como um adjunto adverbial.

Em resumo, pode-se dizer que, embora a ordem preferencial de colocação de constituintes seja SVO, há uma grande instabilidade na posição dos constituintes do VP, durante os séculos XV e primeira metade do XVI. Após a segunda metade do século XVI, já se percebe um quadro bastante diferenciado, em que as construções com fronteamentos de constituintes complementos verbais e as construções com mais de um elemento frontado praticamente desaparecem. O fronteamento de adjuntos, entretanto, permanece com uma frequência semelhante a dos outros textos (DFR, VDS, GRS, DCP) dos períodos anteriores. Esse fato sugere que o fronteamento dos constituintes adjuntos necessita de uma análise diferenciada.

Considerações gerais sobre os fenômenos do fronteamento e da interpolação

Como foi observado anteriormente, apesar de SVO ser a ordem mais frequente nas sentenças encaixadas no *corpus* analisado, diversas outras ordenações lineares coexistem no português dos séculos XV e XVI, em uma aparente opcionalidade. Pode-se notar a predominância da ordem VO no Quadro 1, já que em 63% das sentenças analisadas o verbo precede seus complementos, enquanto que só em 37% ocorre o fenômeno do fronteamento. Situação semelhante pode ser observada no Quadro 6, referente a estruturas com clíticos. A ordem preferencial é **cl V X**, perfazendo um percentual de 75%, enquanto a ordem **cl X V** apresenta um percentual de 25%.

Martins (1994) constata também que elementos de várias naturezas sintáticas podem ocorrer em posição pré-verbal (fronteados). Embora construções de fronteamento sem clíticos não façam parte de sua análise, ela observa que:

[...] exceptuados os elementos que precedem o clítico em estruturas com interpolação, qualquer constituinte que, no português medieval e clássico pudesse ocupar na oração uma posição pré-verbal podia ocorrer interpolado entre o clítico e o verbo. (MARTINS, 1994, p. 183).

Esses elementos são certos oblíquos de natureza adverbial ou preposicional, o complemento agente da passiva, o objeto direto, o objeto indireto, um núcleo predicativo de natureza adjetival, o particípio passado e o infinitivo em completivas ou em estruturas com auxiliares modais. A autora acrescenta que qualquer um desses elementos que podem ser fronteados pode ser interpolado e assegura que:

[...] se alguns constituintes interpoláveis ocorrerem mais frequentemente entre o clítico e o verbo do que outros, isso deve-se apenas ao facto de serem necessariamente (no caso do operador de negação predicativa), normalmente (no caso do sujeito) ou frequentemente (no caso de oblíquos adverbiais e preposicionais) pré- verbais. (MARTINS, 1994, p. 183).

O posicionamento da citada autora confirma os resultados encontrados neste trabalho, no que se refere à negação **não** e ao **sujeito**, pois esses foram os elementos mais frequentemente interpolados no *corpus* analisado. No que se refere aos PPs, os resultados foram diferentes. Constituintes dessa natureza, como mostra o Quadro 10, foram pouco atestados. Ocorreram 14 casos de PPs complementos (oblíquos preposicionados) e 13 casos de adjuntos, sendo 12 de AdvP e apenas um caso de PP adverbial, entre os dados interpolados. Por outro lado, PPs adverbiais, assim como os AdvP, foram mais atestados antecedendo o clítico, na construção **X cl V**.

A descrição dos dados evidenciou que os fronteamentos, objeto dessa pesquisa, parecem se referir a processos diversos. Por isso, a análise a ser desenvolvida, inicialmente, vai considerar a divisão desses fronteamentos em três grupos de acordo com as características específicas de cada um deles.

O grupo um é constituído das construções **X V** e **X cl V**, em que **X** é um elemento de natureza adverbial. Embora construções dessa natureza já tivessem sido ilustradas anteriormente, acrescentam-se, em (63) a seguir, outros exemplos para facilitar a exposição.

- (63) a - tudo o que **agora** TOMASSE (PRG 30-214).
b - e pedio-lhe espaço de três dias e que **a cabo de três dias**
FARIA qualquer coisa (VDS 25-16).
c - mal avêturados os que **agora se** GLORIAM (G 74).
d - muitos avisos que **nestes dias lhe** VIERAM (G 1826).

As construções com a colocação de adjunto em posição pré-verbal são frequentes quer em construções de fronteamto sem clítico (**X V**), como exemplificado em (63a/b), quer em estruturas com clíticos (**X cl V**), exemplificadas em (63c/d). A distribuição dessas construções apresentou pequenas oscilações quantitativas no período, atingindo percentuais maiores no século XVII (Cf. Quadro 3 para o fronteamto e o Quadro 16 para fronteamto com clítico adjacente).

Tendo em vista as evidências explicitadas pelos dados, consideram-se as construções **X V** e **X cl V** (em que **X** é analisado como adjunto) resultantes do mesmo processo sintático. Não se tem uma explicação para a questão do aumento de frequência dessa ordem no século XVII. Contudo, há dois fatos na amostra linguística aqui analisada que podem ser levados em consideração: um deles é quanto ao estilo individual ou estilo de época dos textos. Como se observou anteriormente, o texto PRG, do final do século XVI, apresenta características da língua falada, e CTS, do século XVII, é constituído de cartas do estilo predominantemente barroco, apresentando, assim, muitas inversões de ordem estilística. Isso pode explicar porque esse documento, CTS, apresenta um grande número de adjuntos em posição pré-verbal.

O outro fato é que constituintes de natureza adverbial podem ter maior flexibilidade dentro da sentença, já que o traço estrutural de Caso não é atribuído pelo verbo. Construções dessa natureza são

encontradas no português de hoje, com elemento de valor adverbial em posição inicial, medial ou final de sentenças.

A bibliografia consultada não forneceu informações sobre o curso de mudança dessas estruturas, ficando a questão em aberto, necessitando de um maior aprofundamento para dar sustentação às reflexões esboçadas aqui.

O grupo dois refere-se à interpolação da negação. Constatou-se, pela análise quantitativa, que no PA o elemento de negação (**não**) não se afasta do verbo. Entre as sentenças analisadas com o elemento de negação **não**, em 93% ocorreu o fenômeno da interpolação, ou seja, foi atestada a ordem **cl neg V** (ver Quadro 12).

A análise sugere que o elemento de negação **não** no PA é estruturalmente diferente desse elemento no português contemporâneo. Sobre essa questão, Martins (1997) assume que nas gramáticas que admitem a interpolação do **não**, este não é um núcleo autônomo, mas sim um morfema projetado do léxico associado ao verbo. Nas gramáticas que não admitem a interpolação de **não**, ao contrário, **não** é o núcleo do sintagma. Portanto, as duas construções são sintaticamente diferentes.

Quando na construção atual ocorre um clítico, **neg** deixa de aparecer adjunto ao verbo, resultando na ordem linear **neg cl V**; no PA a construção mais atestada é a em que **neg** não se afasta do verbo: **cl neg V**.

A mudança das construções com interpolação (**cl neg V**), segundo Martins (1994), só veio a ocorrer no início do século XX, quando diminuiu significativamente sua ocorrência, sendo ainda encontrada, com frequência reduzida, no português europeu.

O grupo três constitui-se da ordem **X V**, em que **X** é analisado como complemento do verbo, e da ordem **cl X V**, construções de interpolação diferentes da interpolação do **não**. Esses grupos apre-

sentam, em comum, características de estruturas em processo de mudança linguística. Retomam-se, abaixo, alguns exemplos dessas construções discutidas anteriormente.

- (64) a - os danos que **delles** TINHA recebido (VDS 119-204).
 b - mal que lhe **delle** fosse dito (DFR 14-13).

Esse grupo é diferente das construções apresentadas no grupo um, em que os fronteamentos de adjuntos atingem o percentual de 85% em construções de fronteamentos (**X V**) e atingem 71% em estrutura de clítico adjacente (**X cl V**). Nas construções em que **X** é analisado como complemento, os resultados apresentam percentuais bem menores, sendo 15% para o fenômeno do fronteamento (**X V**) e 29% para a interpolação (**cl X V**).

A distribuição dessas construções no período apresenta, geralmente, maiores índices de ocorrência nos textos do século XV, decrescendo no XVI, não sendo mais atestadas nos textos do século XVII. Fato linguístico que pode ser considerado um argumento a favor de que os fronteamentos apresentados no Quadro 4 e os interpolados no Quadro 10 são fenômenos da mesma natureza sintática.

A hipótese que se configura, explicitada pela análise dos dados, é a de que ao mesmo tempo em que se perde o movimento de constituinte do tipo complemento para uma posição pré-verbal (fronteamento), também se perde a possibilidade de intercalar constituintes dessa natureza entre o clítico e o verbo, ou seja, perde-se a interpolação. A perda da interpolação é, de acordo com esta proposta de análise, uma consequência da perda do fronteamento.

É importante ressaltar que se está assumindo, para o PA, a hipótese defendida por Rivero (1993) para o EA. Assim, o clítico complemento no PA tem estatuto de sintagma (XP) e por isso pode se afastar do verbo. Entretanto, esse elemento, passou por um processo de reanálise, sendo, no português do século XVII, anali-

sado como núcleo (X^0), perdendo, dessa forma, a possibilidade de se afastar do verbo.

Acredita-se, ademais, que essa mesma análise pode ser estendida à interpolação do sujeito - **cl suj V**, bem como às diversas ordens lineares atestadas em construções com mais de um elemento frontado ou interpolado. Essas estruturas apresentam também um decréscimo de ocorrência, chegando ao seu desaparecimento, simultâneo na segunda metade do século XVI, ao que parece em um processo sintático de estabilização de ordem.

No cap. 3, na busca de mais evidências para sustentação da hipótese estabelecida acima, comparam-se as estruturas do grupo três com estruturas semelhantes no espanhol antigo. Neste capítulo, são tecidas algumas considerações sobre a mudança linguística.

REFLEXÕES SOBRE MUDANÇA LINGUÍSTICA

Pressupostos Teóricos

Como foi dito na introdução, foram tecidas algumas considerações sobre as estruturas de mudança em curso, atestadas nos documentos integrantes da pesquisa, com base na abordagem teórica de Princípios e Parâmetros, a partir das hipóteses apresentadas em Lightfoot (1991, 1999) e KROCH (1989, 1994) sobre aquisição e mudança linguística.

Nesta concepção a Gramática Universal (GU), ou seja, a Teoria da Gramática é constituída de princípios universais e parâmetros abstratos que dão conta da limitada possibilidade de variação em uma língua, como também das possibilidades de mudanças nas línguas. Assegura Lightfoot (1999, p. 87) que:

Linguistas têm postulado um genótipo linguístico rico, a GU, que fornece as estruturas básicas de gramáticas, independentemente de qualquer experiência linguística particular. A experiência linguística, então refina os detalhes e conduz para a emergência de uma gramática Madura.¹¹

¹¹ *“Linguists have postulated a rich linguistic genotype, UG, which provides the basic structures of grammar independently of any particular linguistic experience then refines the details and leads to the emergence of a mature grammar.”*

Isso implica dizer que os princípios da GU estão disponíveis independentemente da experiência linguística, fazendo parte da dotação genética dos seres humanos e, por isso, não precisam ser aprendidos. Por outro lado, a aquisição do léxico e a definição dos valores dos parâmetros dependerão da experiência linguística.

Os dados linguísticos primários - PLD (*primary language data*) correspondem aos dados os quais a criança está exposta na fase de aquisição da língua. O PLD é individual. Portanto, o PLD que vai servir de *input* a uma criança não vai ser exatamente igual ao que vai servir de *input* para outra geração, resultando em aquisição de gramáticas individuais e, assim, podendo apresentar características diferentes.

Embora as crianças possam estar expostas a experiências diferentes, é possível dizer, não obstante, que o sistema pode manter estabilidade ao nível da gramática, porque as gramáticas variam apenas de maneira limitada. Isso significa que as experiências relevantes mudam minimamente de uma geração para outra. Essa estabilidade estrutural é que nos capacita a comunicar uns com os outros. (LIGHTFOOT, 1999).

Se uma criança está exposta a PLDs diferentes, pode operar com mais de uma gramática, podendo apresentar uma diglossia interna. A gramática é vista, da perspectiva biológica, como um sub-componente da mente (um órgão) que interage com outras capacidades cognitivas ou modulares. A ideia subjacente a essa perspectiva é que, a partir da experiência, define-se um número de expressões bem formadas e, para cada uma delas, o sistema computacional (mental) deve especificar som e significado. Essa operação, que pode ser entendida como fixação dos parâmetros, faz parte do fenótipo do falante, sistema interno ou língua-I.

De acordo com essa abordagem, a mudança linguística ocorre na fase de aquisição da língua, no momento da seleção dos valores paramétricos. Essa perspectiva de explicação de mudança difere da concepção social de gramática – vista como um meio de gerar um *corpus* de sentenças identificadas social ou politicamente – que admite que a mudança linguística é desencadeada por inovações na fala dos adultos. Inovações nos enunciados dos adultos, para os adeptos da gramática biológica, podem modificar o PLD que vai servir de *input* para a próxima geração de falantes, mas, segundo Lightfoot (1999), não há evidências que apoiem a hipótese de ser o adulto o responsável pelas mudanças gramaticais.

No tocante à questão da mudança ser gradual ou abrupta, conclui o autor que isso depende do ângulo que se pretende enfatizar. Se observada do ponto de vista social, em que a “gramática” consiste em uma codificação de textos produzidos por algum grupo de falantes, a mudança parece ser gradual. Se tomada do ponto de vista biológico, como um sistema representado no cérebro/mente dos indivíduos, gramáticas diferem umas das outras abruptamente, uma consequência da variação limitada permitida pela GU.

O autor conclui, então, que a caracterização de mudança gramatical como abrupta só faz sentido se:

Concebemos uma gramática como uma entidade mental individual, não como algum tipo de entidade social, codificando os dados atestado em textos de algum período. (LIGHTFOOT, 1999, p. 107).¹²

O autor diferencia dois tipos principais de mudança: recategorização de itens lexicais e a que envolve a mudança de um parâmetro

¹² “We view a grammar as an individual, mental, entity, and not as some kind of social entity codifying the data attested in the texts of some period.”

estrutural. A primeira pode ser localizada, no sentido de que pode afetar só partes da gramática. A título de ilustração, pode-se citar o processo de recategorização do verbo **ter** (teer), na história do português. Do período arcaico para o moderno, esse verbo passa por um processo de ganhos de conteúdos léxico-semânticos, concorrendo, por séculos (desde o século XIII, com os primeiros documentos escritos remanescentes), com o **haver** em diversas estruturas (posse, existencial, auxiliar de tempo composto), já deixando nítida a sua gramaticalização como verbo auxiliar desde o século XV, conforme Ribeiro (1993). A literatura está cheia de exemplos de mudanças graduais dessa natureza.

O segundo tipo ocorre de maneira abrupta. Afirma Lightfoot (1999, p. 105):

Mudanças catastróficas resultam do estabelecimento de um novo parâmetro, tem características distintivas e são bastante diferentes de mudança localizada, gradual e caótica que afeta constantemente o ambiente linguístico.¹³

Isso significa dizer que, na história de uma língua, deve haver pontos em que gramáticas se diferenciam, como consequência de um novo parâmetro estrutural, apresentando muitos efeitos superficiais.

Assim, a mudança de valor de um só parâmetro pode produzir muitos diferentes efeitos de superfície, que se refletem, sobretudo, na ordenação dos constituintes das sentenças. Como ilustração de uma mudança estrutural, podem-se citar os vários trabalhos que vêm sendo desenvolvidos sobre a sintaxe do português brasileiro (PB),

13 “Catastrophic changes, resulting from a new parameter setting, have distinctive features and are quite different from the piecemeal, gradual, chaotic changes which constantly affect the linguistic environment.”

que apontam para uma reestruturação de sua gramática em relação ao sistema pronominal (sujeito e objeto), ao paradigma flexional, à ordenação dos constituintes, quer em declarativas, quer em interrogativas (a perda da inversão entre sujeito e verbo), às formas de relativização, dentre outras.

É evidente que, ao analisar qualquer conjunto de textos, de qualquer época de uma língua, observa-se variação nas realizações de certas construções. Para explicar tal variação e assegurar o princípio de economia de que gramáticas não suportam operações opcionais, Kroch (1994) postula a existência de mais de uma gramática em competição para situações desse tipo, ou seja, de diglossia interna. Para dar suporte a sua proposta Kroch (1994, p. 1-2) se posiciona dessa forma:

Núcleos sintáticos, acreditamos se comportam como formas morfológicas, mais geralmente por estarem sujeitos ao *Blocking Effect* (Aronoff 1976), que exclui *doublets* morfológicos, e mais geralmente, parece quaisquer formas morfológicas coexistentes que não sejam funcionalmente diferenciados (ver Kisparsky 1982-b), em uma espécie de restrição de economia global ao inventário dos itens linguísticos. Sob uma concepção morfológica de propriedades sintáticas o efeito bloqueador também excluirá a variabilidade no conteúdo dos traços dos núcleos sintáticos, assim como os núcleos das variantes resultantes teriam o estatuto de *doublets*. Essa exclusão, contudo, não significa quer para morfologia quer para a sintaxe, que as línguas nunca apresentam *doublets*. Significa melhor que os *doublets* são sempre reflexos de uma competição instável entre opções gramaticais mutuamente excluídas. Mesmo uma revisão superficial da li-

teratura revela que os *doublets* morfológicos ocorrem com bastante frequência, mas que são diacronicamente instáveis.¹⁴

A respeito da diglossia interna que permite ao falante operar com mais de uma gramática em situação de variação linguística, Kroch (1994) amplia a abordagem de *doublets* morfológicos para dar conta também da variação atestada em estruturas sintáticas que envolvem propriedades de núcleo.

Situações dessa natureza são analisadas pelo autor como resultantes de gramáticas em competição, ou seja, o falante opera com mais de uma gramática, já que pelo princípio de economia uma gramática não permite operações opcionais. De acordo com essa abordagem, as estruturas em variação estão em competição e, à medida que se espalham, uma das formas tende a desaparecer.

É, pois, tendo em vista esse quadro teórico sobre a mudança linguística que foram feitas algumas reflexões acerca das estruturas em variação atestadas na amostra desse livro.

Comparação com o Espanhol Antigo

Como mencionado anteriormente, as línguas românicas partilham entre si muitas características, o que não podia ser diferente.

14 “*Syntactic heads, we believe, behave, like morphological formatives generally in being subject to the well-known “Blocking Effect (Arnoff 1976), which excludes morphological doublets, and more generally, it seems, any coexisting formatives that are not functionally differentiated see Kiparsky 1982 b) in a kind of global economy constraint on the storage of linguistic items. Under a morphological conception of syntactic properties, the blocking effect will also exclude content and variability in the feature content of syntactic heads would have the status of doublets. This exclusion, however, does not mean either for morphology or syntax that languages never exhibit doublets. Rather it means that doublets are Always reflections of unstable competition between mutually exclusive grammatical options. Even a cursory review of the literature reveals that they diachronically unstable.*”

Nos estudos desenvolvidos por Rivero (1993), sobre a colocação dos clíticos no Espanhol Antigo - EA, a autora defende a hipótese de que os clíticos complementos do EA são de natureza sintagmática, enquanto os do espanhol moderno são núcleos (elementos afixais); desse fato decorre a diferença entre os dois estágios da língua.

A autora assume que a posição pré-verbal do clítico complemento é resultado de um movimento de sua posição de base e que esse movimento é também possível para NPs e PPs tônicos. Ilustra com os exemplos:

- (65) a - *Qui LA quisiere celebrar* (Cor 278) (p.114).
b - *Antes que LA queria conplir* (Cor 271) (p.114).
- (66) a - *Qui ESTA NUESTRA UENDIDA ... quisiere crebantar ...*
aya la ira de Dios. (DLE 173 (1224)).
b - *Yo ATI vin buscar.* (BS Dom 341a) (p.114).

Sendo assim, os clíticos em (65) e os complementos tônicos em (66) se deslocam para uma posição mais alta, por um movimento da mesma natureza sintática.

Para explicar a interpolação, Rivero (1993, p. 117) compara sentenças raízes sem interpolação com um elemento anteposto ao clítico, conforme os exemplos em (67), com as encaixadas com interpolação, como em (68):

- (67) a - *E AQUEL VOS abremos a dar por marido* (Z 165).
b - *OUTRA RAZON TE quiero fazer entender* (Cor 246).
- (68) a - *SI LO EN VOS podiese fallar* (Z 212).
b - *E bendito sea el nombre de Dios que VOS TAL CAVALLERO quiso acá enbiar* (Z 159).
c - *Mas bendito sea el nombre de Dios que NOS TAN GRAN MERÇET quiso fazer* (Z 322).

- d - Todos aquellos que VOS MAL quisieren fazer (Z 338).
- e - Los que LO A EL solían mostrar (Est 13).

A autora analisa os elementos **aquel** e **outra razon**, nos exemplos em (67), que apresentam a estrutura **X cl V**, como constituintes focalizados, ou seja, sintagmas fronteados por um processo de focalização, e justifica que esse tipo de construção ocorre em contexto de sentenças raízes e se assemelha às construções modernas com a ordem **Foco cl V**. Se, entretanto, o clítico ocorre em um contexto de sentença encaixada, como em (68), com um NP ou um PP focalizado,¹⁵ a ordem resultante é de interpolação: **Comp cl X V**. Esse fenômeno é mais frequente em orações encaixadas, porque tal contexto assegura a precedência de um constituinte para o clítico, de modo a satisfazer a lei de Wackernagel.¹⁶

Acrescenta que, se ocorre negação em estrutura de interpolação, os elementos deslocados (clíticos, NPs ou PPs) se alojam numa posição acima da negação, como no exemplo em (69).

(69) *Salvo si SE DE EL non puede partir.* (Z 328),

Conclui que os NP/PP e os clíticos se combinam de modo similar na interpolação e no fronteamto dos sintagmas tônicos.

Análise das construções em processo de mudança

Para a análise dos dados do PA, foram acrescentadas para algumas sentenças do EA as já apresentadas nos itens 'Fronteamentos...' e

15 Rivero (1993, p. 105-106) refere-se à focalização no espanhol antigo como um processo que não ocorre apenas nas sentenças raízes. Faz uma observação que o termo "foco" se refere a uma posição interna à sentença ou externa em sentenças raízes e não a uma interpretação semântica.

16 Refere-se à hipótese defendida por Wackernagel (1892) de que, nas línguas indo-européias, os elementos clíticos geralmente aparecem na segunda posição na sentença.

‘Interpolação...’ do cap. 2. Para finalizar, serão tecidos breves comentários sobre a influência latina na sintaxe do PA.

Os NPs etiquetados como objeto direto, e os PPs, como objeto indireto e oblíquo preposicionados, são compatíveis com o processo de topicalização. Observem-se os exemplos em (70).

- (70) a - e sentia que **tudo isto** faziam *os mouros* (DCP 11-193).
- b - obrigações que **por eles** eram feytas (GRS 1691).
- c - É pois que **a Deus** PROUGUE de o levar d’este mundo (DFR 50-281).

Construções dessa natureza são pouco atestadas no *corpus* analisado e referem-se a elementos acentuados do predicado: em (70a), um objeto direto, em (70b), um PP oblíquo, e em (70c), um PP objeto indireto. Quando na sentença ocorre sujeito realizado, este fica após o verbo flexionado como em (70a).

- (71) a - tēporáes cō que se **naquellas partes** NEVEGAUA (DCP 175-206).

Em (71) observa-se a interpolação do constituinte **naquellas partes**.

Conclui-se, assim, que as constuções **X V** e **cl X V**, no PA, em que **X** é um argumento, podem resultar de um processo de topicalização.

Observa-se, em (72a), o fronteamento de um particípio passado; em (72b), um adjetivo, e em (72c), um advérbio.

- (72) a - ou os pedintes a que **mandado** FOSSE (DFR ` 109-314).
- b - o bispo e todos os clerygos que **presentes** ERAMOS fomos muyto maravilhados (VDS 182-24).
- c - do mestre que **ja** ERA passado adiante (GRS 568).

Foram também atestadas no PA, 142 sentenças com mais de um elemento fronteado, em muitas das quais, um dos elementos é o sujeito como em (73).

- (73) a - que **Deos direito** HE senpre (VDS 66-39).
b - posto que **o eu merecido** nom TEVESSE (DFR 59-281).

Em relação às construções de fronteamento estilístico no PA, na leitura dos documentos não se observou diferenças funcionais quando realizados os fronteamentos. Isto permite pensar, também, em uma análise de usos de diferentes gramáticas para explicar tal variação. Como se pode observar da análise dos dados é possível se falar de gramáticas em competição, conseqüentemente pode-se concluir por uma análise de mudança em progresso, quanto às construções em variação no PA. As questões discutidas agora fundamentam essa hipótese.

Desse modo, considera-se que a situação de variação que caracteriza o português dos séculos XV e XVI é compatível com a afirmação de Lightfoot (1999, p. 94), de que:

[...] em geral, gramáticas não manifestam alternâncias livres opcionais, e onde línguas têm alternâncias, elas são diacronicamente instáveis e representam uma transição através da qual uma gramática é levada em desuso.¹⁷

Além das variações apresentadas anteriormente neste item, constata-se a existência de outras construções em variação, como as com expressões verbais fronteadas (infinitivo e particípio passado),

17 *“In general, grammars do not manifest optional, free alternations, and where languages have alternations, (cortar) and where languages have alternations, they are diachronically unstable and represent a transition whereby one of the grammars is driven into disuse.”*

resultando em várias ordens, além da estrutura **V-fin V-inf**, que é a ordem atual dessas expressões e a ordem preferencial no PA.¹⁸

Nos exemplos em (74) ilustra-se essa ordem no EA. Nos exemplos em (75), no PA:

- (74) a - *antes que LA queria conplir* (Cor 271) (p. 114).
b - *si vieremos ... que SE [non] puede escusar* (Est 35) (p. 116)
c - *Que AQUEL TERMINO non puede traspasar* (Cor 218) (p.116)
d - *Et quando ESTO TODO ouvieres fecho, aurás acabada a lámina* (ast 161 v 11) (p 127).
- (75) a - *tam que l~~h~~e nom PODE negar* (GRS 125).
b - *com aquelles que QUISESSEM teer casas e estallagões* (DFR 164-8).

Contudo, a ordem inversa pode ocorrer com complementos e modificadores adverbiais deslocados para uma posição pré-verbal. As sentenças especificadas em (76), mostram a ordem linear inversa, ou seja, **V-inf V-fin**; os exemplos em (77) ilustram o mesmo tipo de ordem no EA. Algumas construções desse tipo têm características de V-final (OV) atestadas nas línguas germânicas modernas.¹⁹

18 As demais ordens atestadas no PA foram comparadas com as ordens atestadas no EA.

19 O alemão, por exemplo, apresenta a ordem V-2 (verbo segunda posição) nas sentenças raízes e V-final nas encaixadas (cf. exemplos em 65c/d).

- (76) a - e caões que sse **cuidar** PODEM pera tall desenfadamento²⁰
(DFR 53-4).
 b - em guisa que nêhũa ave grande nem pequena se **levantar** PODIA (DFR 53-55).
 c - tantos que nêhũa arte nem multidoem de covas lhe **prestar** PODIA (DFR61-65).
 d - aaquelles que os **defender** QUISESSEM (DFR 160-8).
 e - aos quaees **aver nom** PODERIAM (DFR 78-313).
 f - por o que **dito** AVEMOS (DFR 5-311).
 g - salvo aaquelles que o **gaanhar** non PODEM (DFR 82-314).
 h - ganhadinheiros que sse **escusar** nom PODEM (DFR 130-315).
 i - certo os que ss'**escusar** nom PODESSEM (DFR 131-315).
 j - e sse **d'hi em diante fazer** nom QUISESSEM (DFR 112-314).
 k - aquelles que os **defender** QUISESSEM (DFR 160-8).
 l - o mais compridamente que **seer** PODIA (DFR 76-281).

Variações semelhantes são observadas também no EA. Segundo Rivero (1993), os exemplos em (77) são comuns em EA, como resultado do padrão de complementização dos verbos *poder*, *dever*, *querer*, *haver*.

- (77) a - *onde, pues que [dicho] avemos de los veniales, conviene que se diga de los criminales* (Set 186) (p. 125).
 b - *todo quanto vos yo digo — et aun lo que de [non dezir] puede* (Est 143) (p.124).

²⁰ Observa-se, neste exemplo, que o V não é linearmente final, no sentido estrito do termo. Mas essa estrutura pode ser derivada, como já proposto para o inglês antigo (Cf. KROCH; TAYLOR, 1997), de um movimento para a esquerda do conjunto “se cuidar podem”, deixando o PP em posição final. O mesmo pode-se pensar em relação ao exemplo (88a), a seguir, do EA.

Em todos os exemplos acima há uma forma verbal não finita – infinitivo ou particípio – precedendo o auxiliar modal.

Contudo, já se observou, com os exemplos em (76) e (77), que esse fronteamto não é categórico nos documentos. Observa-se, ainda, que em alguns dos casos em que as formas verbais não-finitas seguem os modais, há o fronteamto de um complemento verbal. Em (78), para o EA, e em (79) para o PA, tem-se exemplos semelhantes.

- (78) a - Quando [tu alguna cosa destas] QUISYERES saber (Cruz 220-A) (p.114).
b - Et quando [esto todo] ouvieres fecho, aurás acabada a lámina (ast 161v 11) (p. 127).
- (79) a - que **ao presente elle nam** PODIA tomar carga (DCP 145-198).
b - esperasse delle que **ambas estas cousas** YRIA comprir. (DCP 66-203).
c - per cuja viinda tanto **mall e damno** OUVE rrecebido (DFR 9-279).
d - e outros que de **fazer aves** TIINHA cuidado (DFR 42-4).

Foram também atestadas construções com variação quanto ao posicionamento do verbo flexionado (modal), e do verbo infinitivo e um constituinte X qualquer, permitindo as seguintes ordens: **V-fin X V-Inf** em (80) ou como em (81) a ordem **V-inf X V-fin**. Rive-ro (1993) não mostra essa ordem em sentenças encaixadas, mas em sentenças raízes são encontrados diversos exemplos, como os ilustrados em (82).

- (80) de guisa que PODESSEM **em ellas** pousar (DFR 173-9).
(81) receando-se que lhe aviir **depois** PODIA (DFR 97-279)

- (82) a - *ESPERANÇA deve ome aver abrá buena çima* (Z57)
(p.118).
b - *E pues yo [gradescer] non VOS LO puedo* (Z362) (p. 122).

Os exemplos em (83) e (84) mostram outras possibilidades de ordenação de **V-inf** em estrutura de complementação. As sentenças em (83) do EA mostram a ordem **V-inf X V-fin**. Em PA não foram atestadas sentenças dessa natureza, mas com a estrutura **X V-inf V-fin**, como em (84).²¹

- (83) a - Que ninguno FAZER PLASER A DIOS [non] PUEDE
(Cor 47) (p.110)
b - Sy ... su vezina tan fermosa fuese que DESABALAR SU
FORMOSURA [non] PUEDE (p.109).
- (84) E pera sse **esto melhor fazer** MANDOU (DFR 168-9).

Talvez seja possível analisar tais construções de V-final, como estruturas residuais da sintaxe do latim. Embora se admita que a flexão de caso permitisse maior flexibilidade na colocação de constituintes na sentença latina, não se pode esquecer que há uma preferência em colocar o verbo em posição final, como nas sentenças em (85).

- (85) a - *Alexandri mores post Darei mortem mutari coeperunt.*
(FIOL, 1995, p. 112).
[os costumes de Alexandre] [depois da morte de Dário]
[a mudar] [começarm]
Os costumes de Alexandre começaram a mudar depois da morte de Dário.

21 É evidente que outra proposta de análise poderia ser feita para as construções em (83) e (84), considerando que é o complemento estrutural dos auxiliares, como um todo, que é fronteado.

b - *Duas vias occupavit, quae ad portum ferebant* (FIOL, 1995, p. 169) [dois caminhos] [ocupou] que [ao porto] [conduzem]

Ocupou os dois caminhos que conduzem ao porto.

Em (85a) tem-se a ordem **Suj X V-inf V-fin**, em que X se realiza como um adjunto adverbial (*post Darei mortem*). Pode-se observar que o verbo flexionado ocupa a posição final. As sentenças em (85b) apresentam a ordem **X V** na raiz e na encaixada. O verbo (*occupavit*) da sentença raiz e o (*ferebant*) da encaixada estão em posição final.

A sentença em (86) abaixo apresenta uma construção de **V-inf** em estrutura de complementação com a ordem **V-inf V-fin**.

(86) *Imperaturus omnibus eligi debet ex omnibus* (FIOL, 1995, p. 121).

[aquele que há de mandar] [a todos] [ser eleito] [deve] [por todos]

aquele que há de mandar a todos deve ser eleito por todos.

Pádua (1960) também analisa as ordens **Suj X V** e **X Suj V**, em que o objeto antecede o verbo no PA, e considera que a primeira é mais frequente em orações subordinadas, mas que ambas são latim. Apesar de a construção **X suj V** ser pouco atestada no PA, a citada autora apresenta um exemplo muito interessante para esta proposta de análise:

(87) *Todas estas cousas as gentes demandam* (Leal cons., cap. XXXV, p. 140) (PÁDUA, 1960, p. 84).

A sentença em (87) pode ser um caso paralelo de construção de frase latina, a referida linguista argumenta que a raridade de construção com essa estrutura no PA se deve a ausência de marcas morfológicas de caso. No latim a clareza não fica comprometida em sentenças desse tipo, devido à flexão nominal de Caso.

Com a sentença (88) a autora tem o objetivo de mostrar que a estrutura é perfeitamente paralela à frase latina em (89) de que é tradução:

(88) ca por certo elle duvydando, os signaes ds chagas do se-
nhor palpou e do nosso peito a chaga da nossa duvyda cor-
tou (Leal Cons., cap. VII, p. 30) (PÁDUA, 1960, p. 77).

(89) Ille enim dubitando vulnerum cicatrices tetigit, et de
nostro pectore dubietas vulnus amputavit (PÁDUA,
1960, p. 77).

[Ele] [por certo] [duvidando] [os sinais das chagas]
[palpou] / e [do nosso peito] [a chaga da nossa dúvida]
[cortou]

Ele por certo, duvidando palpou os sinais das chagas e
cortou do nosso peito a chaga da dúvida.

Com relação ao espanhol antigo, verificou-se que, nos referidos estágios, esse idioma é estruturalmente muito semelhante ao português arcaico. Os dois fenômenos, objeto deste trabalho, produzem ordens similares nos dois idiomas. Ainda segundo Pádua (1960), a colocação do verbo em posição final no espanhol antigo era muito frequente em orações subordinadas. Tendo o referido sistema linguístico também abandonado a influência latina para adotar o padrão românico.

Rivero (1993) analisa as estruturas resultantes do fronteamento e da interpolação, estabelecendo comparações com o espanhol moderno, apresentando uma análise formal que dá conta de serem os dois fenômenos resultantes de um mesmo tipo de movimento. Conclui em sua argumentação que a origem dos clíticos interpolados, assim como o fronteamento dos NPs e PPs fronteados, envolve sempre complementos canônicos do V, considerando, dessa forma,

o fronteamento e a interpolação como resultado de um mesmo processo sintático.

Ainda segundo a mesma autora, mudanças significativas – incluindo a perda da interpolação e do fronteamento – ocorreram no espanhol na segunda metade do século XV perda da interpolação e do deslocamento dos NPs e PPs tônicos:

- não permissão de elementos interpostos entre os auxiliares do perfeito e modais;
- não anteposição de NPs com o auxiliar de perfeito;
- aparecimento de clíticos em posição inicial de sentença;
- redução do número de verbos que permitem o deslocamento do VP.

Mudanças semelhantes ocorreram no português arcaico na segunda metade do século XVI:

- perda dos deslocamentos de constituintes complementos para antes do verbo;
- perda da interpolação;
- não permissão de elementos entre auxiliares e modais e o verbo flexionado;
- também da anteposição do verbo flexionado nessas expressões.

Os constituintes argumentos, que são comuns às estruturas **X V** e **cl X V**, foram atestados no período estudado de forma reduzida, tendo sido registrado um percentual maior no século XV, com uma frequência próxima aos 30%. Mas a partir do século XVI, apresenta-se um decréscimo, com apenas 14% das ocorrências não sendo mais atestados no século XVII. A situação acima descrita é compatível com a concretização de mudança linguística das estruturas de fronteamento de constituintes e, conseqüentemente, da estrutura de interpolação.

É possível que a perda das diversas construções em processo de mudança, relacionadas no desenvolvimento deste trabalho, estejam relacionadas entre si. Segundo Lightfoot (1999, p. 104):

[...] se uma variedade de fenômeno desaparece da língua ao mesmo tempo, pode ser plausível afirmar que todos aqueles fenômenos manifestam uma única mudança gramatical.²²

Porque as línguas românicas antigas perderam as construções de fronteamto de constituintes e essas construções continuam ainda nas línguas germânicas modernas, com exceção do inglês? Embora se pressuponha que essas questões possam estar relacionadas ao parâmetro abstrato de Caso, no momento não há respostas para as mesmas.

Contudo, acredita-se que a mudança de tais construções tenha como causa um processo iniciado no latim, com a perda dos casos morfológicos. Como já mencionado anteriormente, a posição mais comum do verbo em latim era a final, ou seja, os complementos antecediavam o verbo, estrutura ainda encontrada no português arcaico. Segundo Pádua (1960, p. 62), quanto ao latim:

Nota-se uma luta cada vez maior entre as posições inicial e interior, de um lado, e a final do outro. E pouco a pouco, a final vai perdendo terreno, vai se tornando mais rara. Encontra-se ainda fixa em escritores arcaizantes que teimosamente a conservam. Mas à medida que se caminha para o latim tardio, vai diminuindo, até se tornar excepcional. O verbo desloca-se do fim para, na maior parte dos casos, se colocar no meio.

22 “If a variety of phenomena drop out of the language the same time, it might be plausible to claim that those phenomena all manifested a single grammatical change.”

Pode-se pressupor, para os documentos em estudo, uma situação de competição de gramáticas, em que a mudança estrutural começada no latim evolui nas línguas românicas.

Pádua (1960) argumenta a favor de que a ordem SVO já vinha se delineando no próprio latim. À medida que desapareciam elementos da língua latina, como a flexão de casos, se desenvolvia cada vez mais o processo analítico que contribuía para maior clareza e compreensão das idéias. Afirma Pádua (1960, p. 83):

O valor da ordem directa, condicionada pela colocação média do verbo, estruturalmente românica, mas já prefigurada no latim vulgar, é de uso constante desde as mais afastadas origens de nosso idioma, até à linguagem actual.

Os dados dos séculos XV, XVI e XVII mostram que a ordem VO é a predominante, em variação com diversas outras possibilidades de ordenações. Guiadas pelo princípio de economia, que não permite *doublets* nas línguas, as construções em variação vão desaparecendo em um processo característico de mudança linguística e, no final do século XVI, as demais ordenações²³ atestadas ao lado da VO, praticamente, não são mais registradas (Quadros 4 e 10 / 5 e 11).

Sabe-se que uma mudança na língua pode se espalhar rapidamente entre um grupo de falantes ou, dependendo de fatores externos, pode levar mais tempo para se concretizar. Sobre o assunto, Lightfoot (1999, p. 104) se posiciona assim:

Também sabemos que algumas mudanças progridem através de uma população com

23 Quanto aos fronteamentos de adjuntos que permanecem em estrutura de fronteamentos no século XVII ver item 'Considerações gerais sobre os fenômenos do fronteamento e da interpolação.

bastante rapidez. Anteriormente notamos que o próprio Kroch cita o fato que a vida media de *doublets*, como atestado pela (OED), é de 300 anos, mas que esse número deve ser muito exagerado, desde que ignore arcaísmos e variação geográfica em dialetos. Tudo isso sugere fortemente que as mudanças estruturais são rápidas e abruptas ao nível individual e, que em muitos casos, elas também se espalham rapidamente pela população. A velocidade do espairamento depende de muitos fatores não gramaticais relacionados com a coesão social, facilidade de comunicação entre diferentes grupos e outros.²⁴

Os fatos mencionados sugerem uma concretização de mudança dos fronteamentos do tipo complementos (ver Quadros 4 e 10) e, reafirmando o que já foi colocado anteriormente, a perda da interpolação ocorre como uma consequência da perda do movimento das referidas construções de fronteamentos. Os fatos mencionados sugerem também que estruturas dessa natureza podem ser formas residuais da sintaxe latina. É possível que o processo de mudança tivesse sido retardado pela influência do próprio latim. Não se pode esquecer que o latim foi, ainda, durante o período medieval e moderno, a língua de prestígio social.

24 “We also know that some changes progress through a population rather rapidly. Earlier we noted that Kroch himself cites the fact that the average life span of *doublets*, as attested by the OED [Oxford English Dictionary], is 300 years, but that this figure must be greatly exaggerated, since it ignores archaisms and geographical variation in dialects. This all strongly suggests that structural changes are rapid and abrupt at the individual level, and that, in many cases they also spread through a population rapidly. The speed of the spread depends on many nongrammatical factors relating to social cohesion, facility of communication among different groups and the like.”

Faz-se necessário, entretanto, mais aprofundamento, no sentido de uma formalização que possa, na medida do possível, explicar os fatos evidenciados pela análise quantitativa e pela comparação entre os sistemas linguísticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descrição e análise dos dados permitiu verificar que a situação que caracteriza a sintaxe dos séculos XV e XVI quanto aos fronteamentos é compatível com estruturas em processo de mudança linguística. Analisaram-se os fenômenos de fronteamento e de interpolação em dois grupos específicos: um grupo formado por elementos do tipo complemento e o outro formado por elementos de natureza adverbial. Pôde-se constatar, então, que no final do século XVI se definem duas situações distintas em relação ao quadro descrito.

Uma situação em que permanecem os fronteamentos de natureza adverbial, continuando, dessa forma, a serem atestados no século XVII construções com a ordem **X V** e do tipo **X cl V**, se ocorre um clítico na estrutura. Permanece, também, no século XVII, com quase 100% de frequência, a estrutura de interpolação de negação – **cl neg V** (Quadro 12).

A outra situação que se define diz respeito ao desaparecimento das construções em que **X** é analisado como complemento, quer em construções de fronteamento (**X V**), quer em construções de interpolação (**cl X V**), configurando-se, dessa forma, um quadro compatível com uma concretização de mudança estrutural. A variação que resulta em diversas ordenações lineares de constituintes, atestada entre as estruturas com e sem interpolação ou fronteamento, foi analisada como gramáticas em competição conforme a proposta de Kroch (1989, 1994). Da comparação entre os dois fenômenos, pressupõe-se que a interpolação desaparece em consequência da perda dos movimentos dos constituintes complementos para antes do verbo.

Comparando-se as construções de fronteamto atestadas nas sentenças encaixadas no PA com construções do EA, percebeu-se muita semelhança na estruturação sintática, de um modo geral, entre os dois sistemas. As modificações profundas, que incluem a perda do fronteamto e da interpolação por que passou o EA, na segunda metade do século XV, ocorreu de modo semelhante no PA, um século depois.

Dada à limitação do escopo de natureza predominantemente descritiva dessa pesquisa, foram feitas apenas algumas reflexões em relação a fatos evidenciados nas estruturas em mudança. Em outro momento, pretende-se aprofundar as questões teóricas que envolvem os fronteamto de constituintes, bem como, na medida do possível, fornecer explicações para o processo das mudanças linguísticas, que envolvem deslocamento de constituintes para uma posição pré-verbal, efetivadas na segunda metade do século XVI.

REFERÊNCIAS

- BAIÃO, António. Prefácio. BARROS, João de. In: **Ásia de João de Barros**: primeira década. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.
- BARROS, João. **Ásia de João de Barros**: primeira década. 4. ed. rev. e pref. Por António Baião. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.
- CASTRO, Ivo et al. Vidas de santos de um manuscrito alcobacense: vida de Tarsis, vida de uma Monja, vida de Santa Pelágia, morte de S. Jerónimo, visão de Túndalo. **Revista Lusitana. Nova Série**, Lisboa, n. 4, p. 5-52, 1982-1983.
- CHAGAS, António das. **Cartas espirituais**. Seleção, prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1939. (Coleção de Clássicos Sá da Costa).
- CHOMSKY, Noam. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- FIOL, Eduardo Valentí. **Sintaxis latina**. 7. ed. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1995.
- KROCH, Antony. Morphosyntactic variation. In: BEALS, K. et al. (Ed.). **Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society**: parasession on variation and linguistic theory. Chicago: Chicago Linguistics Society, 1994.
- KROCH, Antony. Reflexes of grammar in patterns of language change. **Language Variation and Change**, n. 1, p. 199-244, 1989.

KROCH, Antony; TAYLOR, Ann. The syntax of movement Old and Middle English: dialect variation and language contact. In: Van KEMENADE, Ans; VICENT, Nigel (Ed.). **Parameters of morphosyntactic change**. Cambridge: Cambridge University, 1997. p. 297-325.

LIGHTFOOT, David. **How to set parameters**: arguments from language change. Cambridge: MIT Press, 1991.

LIGHTFOOT, David. **The development of language**: acquisition, change, and evolution. New Jersey: Wiley, 1999.

LOBO, Tânia. **A colocação dos clíticos em português**: duas sincronias em confronto. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística Histórica) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

LOPES, Fernão. **Crónica de D. Fernando**. Edição crítica de Giuliano Macchi. Lisboa: INCM, 1975.

MARTINS, Ana Maria. **Clíticos na história do português**. 1994. Tese (Doutorado em Linguística Histórica) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

MARTINS, Ana Maria. Mudança sintática: clíticos, negação e um pouquinho de *scrambling*. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 19, p. 129-161, mar. 1997.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para uma caracterização do português arcaico. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, n. 10, p. 247-276, 1994.

MELO, D. Francisco Manuel de. **Cartas familiares**. Seleção, prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa. 2. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1937. (Coleção de Clássicos Sá da Costa).

MONTEIRO, Adolfo Casais. Prefácio. In: PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinação**. Lisboa: INCM, 1952.

- PÁDUA, Mariz; CANAES Maria Piedade. **A ordem das palavras no português arcaico**: (frases de verbos transitivos). Coimbra: Instituto de Estudos Românicos, 1960.
- PAGOTTO, Emílio G. Clíticos, mudança e seleção natural. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1993.
- PIMPÃO, Álvaro J. da Costa. **Idade média**. 2. ed. rev. Coimbra: Atlântida, 1959.
- PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinação**. Edição organizada por A. J. Costa Pimpão e César Pegado. Lisboa: INCM, 1952.
- RIBEIRO, Ilza. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas ter, haver e ser. In: ROBERTS Ian; KATO, Mary A. (Org.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1993.
- RIBEIRO, Ilza. **A sintaxe da ordem no português arcaico**: efeito v2. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas, 1995.
- RIBEIRO, Ilza. A obra pedagógica de João de Barros; a sintaxe da ordem nas sentenças encaixadas. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 19, p. 217-237, mar.1997.
- RIVERO, Maria Luiza. Subida de los clíticos y de SN em español antiguo. In: FERNANDÉZ SORIANO, Olga (Ed.). **Los pronomes átonos**. Madrid: Taurus, 1993.
- ROUVERET, Alain. **Clitic placement, focus and Wackernagel in European portuguese**. Paris: Université de Paris, 1992.
- SALVI, Giampaolo. From latin weak prounous to romance clitics. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 19, p. 85-104, mar. 1997.

VERDELHO, Evelina. **Livro das obras de Garcia de Resende:** edição crítica, estudo textológico e linguístico. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.

WACKERNAGEL, Jakob. **Über ein Gesetz der indogermanischen Wortstellung Indogermäische Forschungen I.** Germany, 1892. p. 333-436. Disponível em: <http://ling.uni-konstanz.de/pages/home/kaiser/files/Kaiser1999_Evolucao.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2016.

Formato: 150 x 210 mm
Fonte: Cambria, 10 e 11; Minion Pro, 11
Miolo: Pólen Soft, 90 g/m²
Capa: papel Supremo, 300 g/m²
Impressão: dezembro2016
CIAN - Gráfica & Editora

SOBRE A AUTORA

Lúcia Maria de Jesus Parcero

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Fundação de Ensino Superior de Pernambuco. Graduada em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), onde ministra disciplinas em cursos de graduação, pós-graduação (lato sensu), pós-graduação (stricto sensu) do quadro do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens - PPGEL da área de Letras, com ênfase em Linguística e Língua Portuguesa. Atua principalmente nas subáreas de Teoria Linguística, Sociolinguística e Sintaxe gerativa. Desenvolve pesquisa sobre o português rural em comunidades afrodescendentes na região sisaleira, no semiárido baiano.



<http://eduneb.uneb.br>

ISBN 978-85-7887-319-6



9 788578 187319 6